

AUTO • RECORTE

Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem

Elisa Pessôa Firmino

AUTO • RECORTE

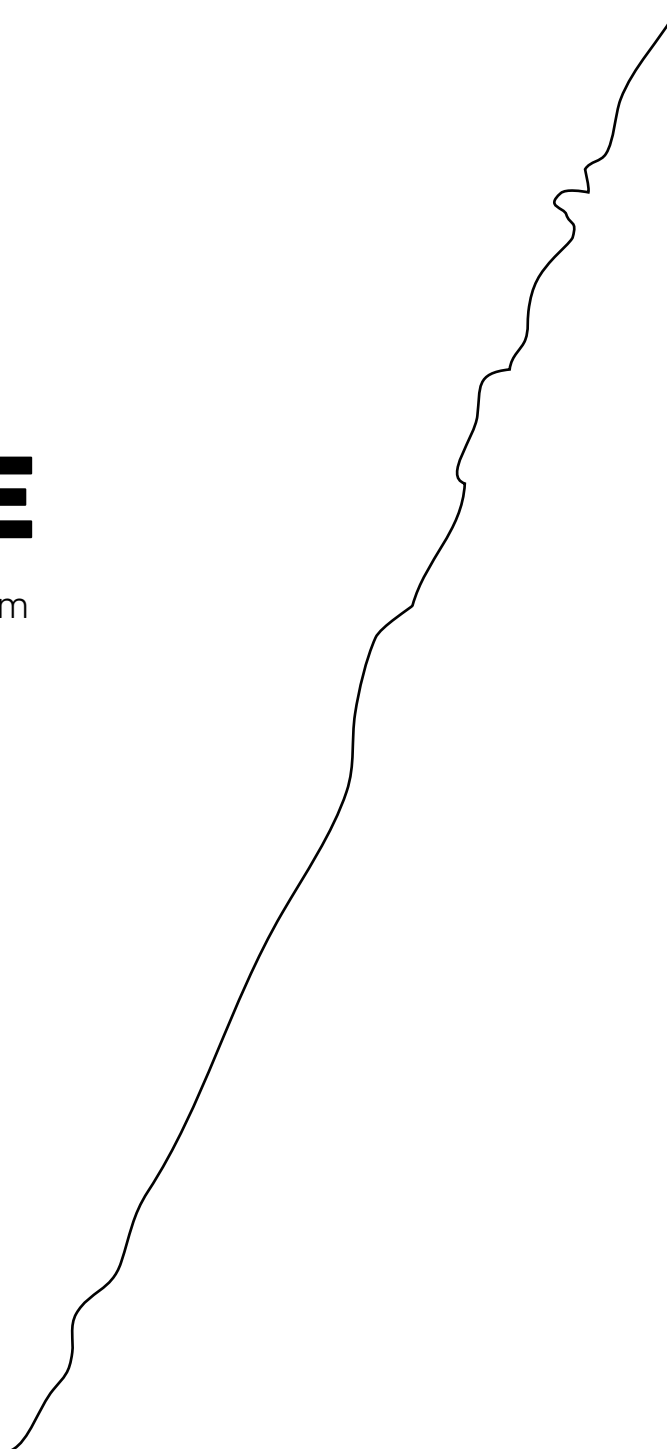
Novos Olhares Sobre o Feminino Através da Colagem

por **ELISA PESSÔA FIRMINO**

COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN UFRJ

ORIENTAÇÃO JULIE PIRES

COORDENAÇÃO ELIANA MARA



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha mãe **Lucila**, por ser a maior apoiadora dos meus sonhos, melhor amiga e confidente. Obrigada por estar ao meu lado vibrando com minhas conquistas e sempre tão presente em cada momento especial da minha vida. Ao meu pai **Márcio**, por cada demonstração de carinho em palavras amigáveis, ações rotineiras, piadas ou almoços carinhosamente preparados no domingo. E a minha avó **Maria**, pela qual nutro um amor imenso, e que me permite conhecer cada vez mais a sua difícil história de vida.

A minha orientadora **Julie Pires**, por ter acreditado no meu projeto desde o início e me fazer acreditar que o processo é a parte mais importante de tudo. Muito obrigada pela sua atenção, pela paciência nos inúmeros momentos de dúvida, cuidado e respeito por um trabalho tão pessoal.

À **Eliana Mara**, minha coorientadora, presença essencial para a estruturação do projeto. Eli, você é uma das das pessoas mais inteligentes e criativas que já conheci na vida. Agradeço por extrair o meu melhor e também ao universo, por ter proporcionado esse encontro maravilhoso entre nós.

À **Renata Sirimarco**, minha melhor amiga e irmã. Obrigada por sempre me lembrar quem sou, por mais perdida que eu esteja. Obrigada pelo incentivo, palavras de apoio e confiança. Obrigada pelos momentos de risadas e pelas longas conversas sobre os questionamentos da vida. Agradeço por ter ao meu lado uma das mulheres mais fortes que já conheci.

À **Escola de Belas Artes**, por ter transformado a minha vida, minha maneira de pensar, ser e estar no mundo. Desde o momento em que pisei ali, já não era mais a mesma e pude explorar qualidades que nunca imaginei ser capaz de ter. Sou muito grata pelos momentos vividos na EBA e pelos amigos que fiz para a vida toda, **Giovanna, Amanda, Isadora, Mariana, Bruno, Felipe, Lucas e Luiz** muito obrigada por terem feito parte disso.

À **Gessica Hage** e à **Gabriela Gomes**, pessoas queridas que me chamaram para participar da oficina Kintsugi, abrindo possibilidades para a criação do meu projeto. Gratidão a **todas as integrantes das duas oficinas**, que foram tão gentis e amigáveis com a minha história e com o meu projeto e, sem mesmo nem me conhecer, depositaram total confiança e apoio.

Gostaria de agradecer às participantes **Mariana, Ana Lu, Ana Rafaella, Isabella e Alessandra** por terem disponibilizado suas colagens feitas durante as oficinas e pelos depoimentos pessoais para a criação do material de apoio do projeto. Obrigada também às colagistas **Helena, Domitila, Ingrid, Manuela e Elisa** por permitirem o direito de imagem de suas colagens para a construção do zine “colagistas brasileiras”. Por último, a minha amiga **Mariana Werneck**, por se disponibilizar a tirar as fotos do projeto para a monografia. Obrigada por todas as trocas e parcerias que já fizemos juntas.

Agradeço a todas as mulheres que me cercam, que me apoiam e me inspiram. A todas as pessoas que escutaram com atenção quando contei sobre meu trabalho. Vocês ajudaram esse projeto nascer e florescer.

RESUMO

PESSÔA, Elisa.

AUTO•RECORTE: Novos Olhares Sobre o Feminino Através da Colagem.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design)
Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

O projeto Auto•Recorte baseia-se em oficinas práticas de colagem para mulheres com o objetivo de fazer um resgate do feminino, onde são trabalhadas questões sobre aceitação, empatia, pertencimento e vivências em comum. Além de criar redes de mulheres que passam a se sentir acolhidas, os encontros tem por objetivo mostrar que a colagem é uma ferramenta muito potente de autoconhecimento e expressão. Como resultado, são feitas colagens fortes e expressivas, mas o que fica de mais importante são os sentimentos de acolhimento, pertencimento e gratidão que as integrantes levam para casa após as oficinas. Em conjunto, um material gráfico foi pensado para ser entregue depois dos encontros, com o intuito de incentivar que as participantes continuem de forma autônoma o projeto. Contribuíram para estes estudos os escritos de Lévy Pierre, Marc Augé, Fernando Fuão, Sérgio Lima, Djamila Ribeiro, Márcia Tiburi, entre outros.

Palavras-chave: *Colagem, Collage, Feminismo, Pertencimento, Acolhimento*

ABSTRACT

PESSÔA, Elisa

AUTO•RECORTE: New Looks at the Female Through the Collage.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design)
Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

The Auto • Recorte project is based on practical collage workshops for women with the purpose of reclaiming the feminine, where topics about acceptance, empathy, belonging and common experiences are developed. In addition to creating networks of women who start to feel welcomed, the meetings aim to demonstrate that collage is a very powerful tool for self-knowledge and expression. As a result, strong and expressive collages are made, but the most important benefit is the feeling of being welcomed, belonging and gratitude that the participants take home after the workshops. A graphic material was planned and produced to be delivered after the meetings, in order to encourage participants to continue the project autonomously. The writings of Lévy Pierre, Marc Augé, Fernando Fuão, Sérgio Lima, Djamila Ribeiro, Márcia Tiburi, among others contributed to this project.

Key Words: *Colagem, Collage, Feminismo, Pertencimento, Acolhimento*

INTRODUÇÃO	6
PARTE 1: CONCEITOS	7
CAPÍTULO 1 <i>A POÉTICA DA COLLAGE</i>	8
1.1 A Collage como Rede de Encontros	10
1.2 O Recorte do Olhar	11
1.3 A Cola como Ponte	12
CAPÍTULO 2 <i>RECORTANDO E COLANDO O FEMINISMO</i>	15
2.1 Os Feminismos	17
2.2 Coletividade no Feminino: Uma Rede de Sobrevivência	17
2.3 A Empatia que Leva a Sororidade	18
CAPÍTULO 3 <i>INTERNET E PERTENCIMENTO</i>	19
3.1 Lugares e Não-lugares	20
3.2 O Real (Territorialização) e o Virtual (Virtualização)	22
3.3 Espaços Virtuais	23
3.4 As Redes Sociais como Ferramentas de Buscas Empáticas	24
PARTE 2: METODOLOGIA	27
CAPÍTULO 4 <i>NOVOS OLHARES SOBRE O FEMININO ATRAVÉS DA COLAGEM</i>	28

4.1 As Oficinas	32
PARTE 3: RESULTADOS	39
CAPÍTULO 5 <i>AUTO•RECORTE: O PROJETO</i>	40
5.1 O Projeto Gráfico	41
5.1.1. Logo	42
5.1.2. Tipografia	43
5.1.3. Paleta de Cor	43
5.1.4. Universo Visual	44
5.2 O Kit	45
5.2.1. Poster	47
5.2.2. Zine	48
5.2.3. Redes de Afeto	52
5.2.4. Use a Sua Intuição	53
5.2.5. Cartões	54
CONCLUSÃO	57
BIBLIOGRAFIA	58
LISTA DE FIGURAS	59
FONTES ICONOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

O projeto Auto•Recorte foi estruturado a partir da experiência de oficinas de colagem para mulheres que, como orientadora, trabalho temas ao redor do universo feminino. A colagem torna-se a experiência da sororidade, onde tais temas são transmutados para o papel e questionados pelas integrantes. Este trabalho serviu como base para a conceitualização da nova fase do projeto, a qual inclui um material de apoio que incentiva as participantes a continuarem com as colagens de forma autônoma.

Ao buscar sobre a história da colagem e os conceitos que a cercam, me deparei com a técnica da *collage*, um processo de linguagem poética criado pelo surrealista Marx Ernst. Diferente da colagem, a *collage* independe da cola e permite que imagens de essências diferentes se juntem a outras, ganhando um novo sentido visual. Inspirada por textos de Fernando Fuão e Sérgio Lima, faço uma comparação poética da imagem como ser vivente, o olhar como recorte e a cola como ponte. Descubro como a *collage* associa-se com a minha visão sobre a colagem, no momento em que a enxergo como uma ferramenta potente de autoexpressão e conhecimento.

Guiada por escritos de *Djamila Ribeiro* e *Marcia Tiburi*, faço uma análise sobre o *Movimento Feminista*, a partir do fato de que ele não se constitui em uma só luta, já que é formado através de muitos recortes sociais e posições ideológi-

cas que, apesar de serem diferentes entre si, são necessários. Também é feita uma reflexão sobre a coletividade no universo feminino, uma vez que a mulher entende o feminismo como uma rede de sobrevivência diante de uma sociedade patriarcal, machista e opressora. Por meio de redes, a voz feminina faz-se presente e ecoa de diferentes maneiras.

Por seguinte, diante da experiência com a utilização das redes sociais e como elas afetam a minha vida profissional e pessoal, escrevo sobre o avanço da internet e as modificações dos tipos de relações existentes causadas por ela. A partir de textos de *Marc Augé*, *Pierre Lévy* e *Zygmunt Bauman*, faço uma reflexão sobre como essas redes podem ser potentes ferramentas de buscas empáticas e como os encontros virtuais são capazes de promover sensações de acolhimento e pertencimento.

O projeto ganhou forma a partir de tais discussões e análises, que foram necessárias para seu planejamento e conceitualização. Além disso, as oficinas práticas foram essenciais para entender as reais demandas experimentais dentro do trabalho. Meu objetivo com o projeto Auto•Recorte é que ele não se mantenha apenas como oficina, mas que também torne-se uma plataforma online que, pelo *Instagram*, alcance a muitas outras mulheres e forme redes de contato cada vez maiores entre elas.

PARTE 1

CONCEITOS

Para este projeto foi preciso uma pesquisa profunda de autores, artistas e pesquisadores que estudavam sobre a *collage*, não só a sua história, mas também seus significados abstratos e poéticos. Estes estudos foram cruciais para entender como a técnica se relacionava com o meu trabalho.

Como o projeto é voltado para mulheres, esta parte conceitual contém uma análise sobre as diversas vertentes do movimento feminista que, mesmo tão diferentes, são necessárias nos dias de hoje.

Por fim, foi preciso pesquisar sobre como o avanço da internet modificou os tipos de relações existentes. Fazendo uma reflexão, escrevo sobre como as redes sociais são capazes de proporcionar sensações de pertencimento e acolhimento dentro de um mundo cada vez mais desunido.

Este apoio conceitual foi importante para as decisões ao longo do trabalho para que eu entendesse questões relacionadas ao meu público alvo. Também proporcionou um bom suporte para a criação de um material final que atendesse as necessidades do projeto.



A vibrant, abstract collage featuring a black and white photograph of a smiling couple, a woman in a strapless dress, and stylized architectural elements like a pink and blue building. The collage is layered with torn paper, pink and blue circular shapes, and floral patterns.

Collage foi o nome que o artista surrealista Marx Ernst¹ deu à linguagem que está presente não só com o uso do papel ou tesoura, mas também em esculturas, músicas, espetáculos teatrais e outros tipos de obras de arte. O termo foi criado em 1918, diferenciando-se da colagem e resistindo até atualmente, por neologismo, com várias denominações como fotomontagens², montagens³, assemblages⁴ e outras. Ao contrário da colagem, a *collage* não depende da cola e os fragmentos não necessariamente são palpáveis. Trata-se de unir elementos já situados a uma nova composição, dando a eles um novo significado, seguindo os princípios dos surrealistas que viam na *Collage* uma “arma dirigida contra a banalidade cotidiana, contra a arte escravizada ao espírito de seriedade” (ALEXANDRIAN, 1973:96).

Uma das maiores contribuições para esclarecer e desvendar a confusão fonética entre colagem e *collage* veio do artista plástico brasileiro Sergio Lima (1984). Para ele, os conceitos de *collage* e colagem têm uma profunda distinção: *collage* é um termo criado por Max Ernst para indicar um processo de linguagem que se utiliza de imagens já existentes e em geral já impressas, enquanto que colagem é um termo genérico e serve para designar todo e qualquer trabalho que resulte da aplicação de material colado num plano. A *collage* é análoga à poesia e sua premissa básica deriva da poética.

"Está no efeito catártico encontrado na arte de recortar e colar; ação que destrói para reconstruir de maneira diferente as fábulas clássicas da sociedade, da política e da arquitetura que figuram na superfície das revistas, nas embalagens, rótulos, catálogos e em todo tipo de material que pretende representar o mundo."
(FUÃO, 1992:35)

1 *Marx Ernst* foi um pintor alemão, naturalizado norte-americano e depois francês. Também praticou a poesia entre os surrealistas, movimento do qual fez parte.

² **Fotomontagem** é o processo (e resultado) de se fazer uma composição fotográfica ao cortar e reunir um número de outras fotografias.

3 *Montagem* é um processo que consiste em selecionar, ordenar e ajustar os planos de um filme ou outro produto audiovisual a fim de alcançar o resultado desejado - seja em termos narrativos, informativos, dramáticos, visuais, experimentais, etc.

4 **Assemblage** é um termo francês usado para definir colagens com objetos e materiais tridimensionais. É baseada no princípio que todo e qualquer material pode ser incorporado a uma obra de arte, criando um novo conjunto sem que esta perca o seu sentido original.

⁵ Georges Braque foi um pintor e escultor francês, que fundou o cubismo juntamente com Pablo Picasso.

⁶ Pablo Picasso foi um pintor espanhol, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo que passou a maior parte da sua vida na França. É conhecido como o co-fundador do cubismo ao lado de Georges Braque -, inventor da escultura construída, o inventor da colagem e pela variedade de estilos que ajudou a desenvolver e explorar.

Sergio Lima (1984) diz que toda imagem é a representação de uma vivência e a memória de uma experiência. É a projeção visual daquele momento único. Para ele, a *collage* não é apenas uma pintura, é um ato de provocação. É uma ação sobre imagens. No livro *"Collage Em Nova Superfície"* o autor apresenta inúmeros conceitos e imagens sobre a *collage*. Para Fernando Fuão (1992), a maioria das investigações sobre *collages*, com raras exceções, sempre procura explicá-las sob as leis da semiótica e da linguística. Em um geral são explicadas a partir de gestos simples como recortar-colar, destacar-juntar, ou seja, de acordo com uma sintaxe. Em sua tese *"Arquitetura como collage"* (FUÃO, 1992), rompe com esse modelo ao revelar a poética do projeto arquitetônico a partir da prática da *collage*.

Marx Ernst (1982) afirma que não é a cola que faz a *collage*, a partir do momento em que percebe que o contexto das imagens existentes no processo sofre uma grande modificação, já que são recolocadas em outro espaço, adquirindo outra realidade, resultando da arte surrealista. Dessa forma, Ernst iniciou suas experimentações com a técnica, percebendo que o processo não se dá apenas no ato de colar, mas sim na relação com a imagem, desde o momento da escolha, passando pelo recorte, indo para o ato de colar, ou simplesmente unindo esse elemento a outros, dando a ele outro significado na composição. Assim, a junção do ideal surrealista com a essência da colagem resulta na fascinante linguagem denominada *collage*.

Com uma vasta história nos movimentos artísticos, formas de expressão e aspectos linguísticos e semióticos, a palavra *collage* aderiu diversos conceitos próprios. O período entre guerras (1914-1945) favoreceu o surgimento das vanguardas (Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo), que eram movimentos artísticos, sociais e políticos. As *collages* tiveram um grande destaque por sua vasta produção, principalmente através de fotomontagens direcionadas a propagando política, causando uma revolução na representação gráfica.

Os primeiros papiers-collés cubistas já carregavam a ironia presente na *collage*, onde Georges Braque⁵ e Pablo Picasso⁶, por volta de 1911, brincavam com a realidade e com a abstração usando materiais recolhidos do dia-a-dia e colocando-os como obras de arte. Mechas de cabelo, cordas de guitarras, letras e outros elementos eram "colados" na tela com um caráter revolucionário.

Fazendo das fotomontagens um potente veículo de propaganda, os dadaístas e os construtivistas russos denunciavam as injustiças sociais e políticas do período entre-guerras. Os surrealistas utilizavam a *collage* como recurso de leitura de objetos do cotidiano, dando valor poético a eles através da subversão dos sentidos. E nos anos 70 ela vem como crítica a sociedade de consumo, proporcionando uma reflexão sobre as aspirações das utopias tecnológicas e culturais.

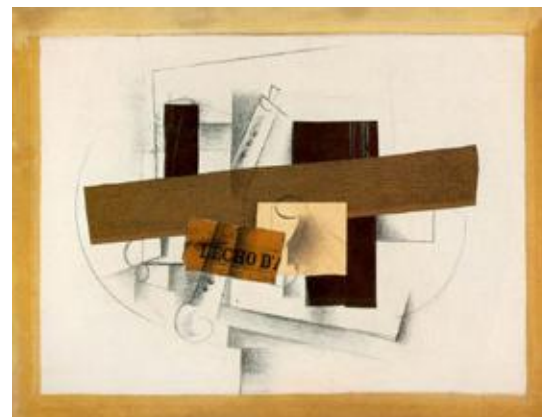


Figura 1. George Braque, Tenora, 1913.



Figura 2. Pablo Picasso, Bottle of Vieux Marc, Glass, Guitar and Newspaper, 1913.

⁷ Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na psiquiatria, psicologia, artes visuais, ciência da religião, literatura e áreas afins.

A *collage* possui um cunho político forte por juntar imagens anônimas, as quais adquirem uma força de expressão cuja essência está no conteúdo e não na forma. A imagem, segundo Jung⁷, é como um ser vivente que está sempre em movimento e repleto de sentimentos. Essa técnica revela novos significados, no momento em que faz a justaposição de duas imagens que foram retiradas de contextos completamente diferentes, dando uma nova história para aquelas figuras (LIMA, 1984).

Sergio Lima (1984), faz um relato sobre a *collage* como um exercício pessoal, relacionando os critérios que adota para a composição, o processo resultando em três etapas distintas que formam uma espécie de receita. A primeira etapa seria no campo das escolhas, do olhar, do folhear revistas e selecionar. A segunda seria no campo das trocas entre os desenhos e textos coletados, estabelecendo analogias e aproximações. Das imagens selecionadas, cria-se uma composição.

“Com minha tesoura nas mãos, recorto papel, tecido, não importa o que, talvez minhas roupas. Às vezes, se sou bem comportado, oferecem-me um jogo de imagens para recortar. São grandes folhas reunidas em um livreto, e sobre cada uma delas estão dispostos, em desordem, barcos, aviões, carros, animais, homens, mulheres e crianças. Tudo o que é necessário para reproduzir o mundo.” (COMPAGNON, 1996:9)

Segundo Fernando Fuão (2015), a *collage* possui um efeito catártico na arte de recortar e colar, ação que destrói para reconstruir de maneira diferente os clássicos padrões sociais presentes nas revistas, embalagens, rótulos e todo material que pretende representar o mundo. Aquele que faz *collage* está constantemente questionando o mundo das aparências. Uma imagem que antes não tinha tanta importância em seu contexto original pode ganhar um novo sentido ou até mesmo um certo protagonismo quando colocada em outra composição.

1.1 A COLLAGE COMO REDE DE ENCONTROS

Está dentro do conceito da *collage*, o encontro de fragmentos ou figuras que foram retirados de um contexto e colocados em outro, criando-se uma composição na qual tal imagem ganha um novo conceito e significado. O encontro

entre figuras ocasiona um novo olhar sobre aquela imagem, o descobrimento sobre algo carregado de estranheza e curiosidade, no qual traz novas perspectivas, formas de pensar e agir.

O encontro é uma relação recíproca entre figuras, objetos e corpos que, dentro da *collage*, se estabelece entre a ação do recorte e os momentos anteriores à colagem entre as imagens. O choque entre elas deve ser visto como agente potencializador para uma grande mudança de conduta, sendo ele o melhor meio de iniciar uma transformação. A partir do momento em que dois fragmentos diferentes se encontram, eles devem se adaptar não só um ao outro, mas também ao novo espaço que ali ocupam. É preciso saber lidar com o diferente.

“É o ‘encontro’ e seu espaço mágico, que permite à collage delatar o desejo que constitui (...) Equivale a uma mecânica de articulação de imagens que são reconjugadas. É, por sua própria dinâmica, um descobrimento íntimo (desvelação, recorte), onde o fluir original acaba por gerar novas imagens que são fruto de realidades anteriores ao nível do imaginário. (LIMA, 1984:54)”

A junção dessas imagens significa o descobrimento, uma vez que o resultado é um novo olhar sobre aquelas mesmas figuras que agora carregam um outro significado. Uma nova composição com os fragmentos que, quando retirados de um contexto e colocados em outro, recebem uma nova forma de ser e estar no espaço. Dentro da *collage*, cada fragmento é como um ser vivente, com poderes de transformar e movimentar o contexto/tela em que se encontra.

“Construo um mundo a minha imagem, um mundo onde me pertenço, e é um mundo de papel.” (COMPAGNON, 1996:11)

Fernando Fuão (2014), em seu texto “A *collage* como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida”, contextualiza e cria significados para cada etapa da *collage*, desde a escolha do fragmento até o momento da cola, onde há uma ligação entre as figuras e o choque de transformação entre elas. A este movimento, o autor utiliza a expressão “encontros”, uma vez que serve para designar toda causa de aproximações que as figuras retiradas de seu contexto original costumam realizar.

“A maioria dos estudos sobre a collage, ingenuamente, sempre tratou de colocá-la numa antinomia de oposição entre o recortar-colar, rasgar-costurar, desmontar-montar, separar-unir, extrair-embutir, dispersar-organizar, quebrar-colar, ignorando o intervalo significativo que se dá entre essas etapas” (FUÃO, 2014:75).

A empatia e o compartilhamento de experiências e vivências são as principais causas de aproximação das imagens, uma vez que o encontro é a relação recíproca envolvente entre figuras, objetos e corpos, ou do próprio ser frente ao outro. O encontro pode causar o estranhamento, o descobrimento e o choque com algo incomum. Ao mesmo tempo em que também pode significar o acolhimento de imagens que antes não se sentiam pertencidas em uma outra composição.

“O fantástico dos encontros na collage é que se conjugam quase sempre em termos topológicos divergentes: a visão do outro, a minha e a dos demais podem coexistir em uma multiplicidade de referentes perceptivos espaços-temporais próprios das figuras fotográficas. É possível coexistir, assim tempo diversos sobre um mesmo topos, um mesmo tempo.” (FUÃO, 2014:76).

O espaço onde estão dispersos inúmeros fragmentos que poderão formar uma futura arte de *collage* é o espaço virtual. Cada fragmento ou ser vivente pode se encontrar, criar histórias, formar relações, se acolher e se apoiar independente do lugar ou contexto que estiver. O espaço virtual é um lugar democrático, assim como uma tela/papel em branco, onde tudo pode ser desenhado, criado, apagado e recriado. Ao adentrar em uma nova composição, cada imagem perde seu significado. São figuras que renunciam a si, aglutinando-se na figura do outro. A partir de tal encontro, cada fragmento adquire um novo sentido, formando e transformando novos contextos e composições.

1.2 O RECORTE DO OLHAR

Tudo começa pelo olho, que seleciona, descarta, une e captura. É ele que se para e estabelece quem fica e quem sai, quem é a figura principal, as coadjuvantes e o fundo. A partir do corte, fragmentos são retirados do seu contexto original, perdendo a sua essência e seu significado, e são utilizados em outra composição, adquirindo uma história completamente diferente da anterior.

“O corte inscreve a diferença na vida, no corpo, na figura, no texto, na palavra. O corte é a confecção do abismo, da descontinuidade, do distanciamento entre os corpos, entre as linguagens. Profundidade que induz comunicações, expressões, manifestações distintas. Quem explora tais superfícies quer ver o que se esconde dentro, conhecer o abismo em suas entranhas, o segredo de seu conteúdo (FUÃO, 2017:190).”

Muitos artistas simpatizantes do surrealismo, e praticantes da *collage*, trabalharam sobre a questão da mutilação dos olhos, representando a sua diferente maneira de ver o mundo e o quão destrutivo pode ser o olhar rotineiro do dia-a-dia. Em o filme *O cão andaluz* (1929), Luis Buñuel⁸ nos mostra o olho cortado por uma navalha, o que faz dessa visão algo agonizante. Sergio Lima em sua novela *collage*, *As aventuras do Máscara Negra* (1957), perfurou os olhos de várias personagens. Hannah Hoch⁹ foi uma das primeiras artistas a praticar os recortes de olhos na *collage*. Cortava os olhos de uma pessoa e colocava-os em outra, arregalava-os, costurava um no outro, transportava-os. Max Ernst, em sua capa para o livro de poesias de Paul Eluard¹⁰, *Repetitions* (1982), fez uma *collage* na qual nos mostra um olho perfurado por um fio.

“Os olhos são as janelas da alma, buracos entre-mundos, refletem tanto o dentro e o fora. Mas estas janelas quadradas com vidraças reflexivas que são colocadas em nossos rostos desde o nascimento, não deixam a luz entrar ou sair. As janelas deveriam ser cristalinas para vermos o que está lá fora, e não para especularmos.” (FUÃO, 1996)

Na *collage*, a mutilação dos olhos vem com um motivo. É o olho que recorta as imagens, e, por isso, a freqüente referência a ele. As grandes mudanças no mundo se dão através da mudança do olhar. Um novo olhar sobre algo permite a recriação do mesmo, no qual irá adquirir uma nova história e uma nova essência.

Com o corte, uma velha história é deixada para trás, permitindo que aquela imagem entre em uma nova composição, cheia de novos caminhos para seguir e adquirir. A mutilação do olho também está associada à descontinuidade, à ruptura e à corrosão do tempo linear, daquilo que é estabelecido como correto, a quebra dos padrões impostos por uma sociedade normativa.

⁸ Luis Buñuel, foi um realizador de cinema espanhol, naturalizado mexicano. Trabalhou com Salvador Dalí, de quem sofreu fortes influências na sua obra surrealista.

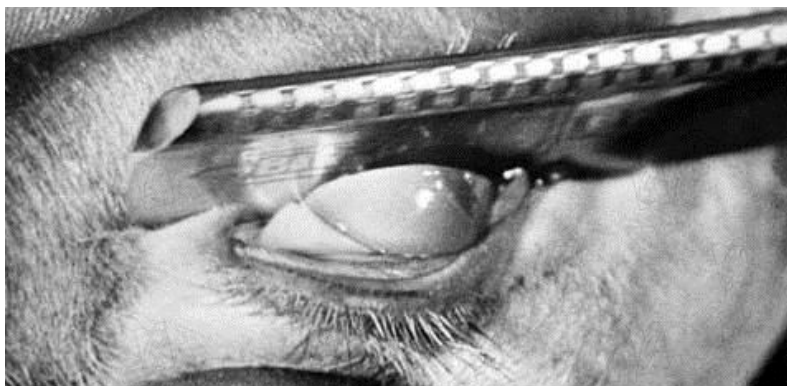
⁹ Hannah Höch, foi uma das mais importantes representantes do movimento dadaísta e precursora da fotomontagem. A artista refletiu em suas obras a justaposição entre a mulher alemã moderna e a mulher alemã colonial, levantando questões relativamente à sexualidade das mulheres e aos seus papéis de gênero na nova sociedade.

¹⁰ Paul Eluard, foi um poeta francês, autor de poemas contra o nazismo que circularam clandestinamente durante a Segunda Guerra Mundial. Participou do movimento dadaísta e foi um dos pilares do surrealismo.

Figura 3.
O Cão Andaluz (1929),
Luis Buñuel.



Figura 4.
O Cão Andaluz (1929),
Luis Buñuel.



“O olho é símbolo e metáfora da criação na collage, o olho é “deslucado”, para fora do lugar normal, para fora do mundo, para expressar o modo distinto de ver as coisas, está em outro lugar que não o de costume. Este “deslucamento” físico, metafórico do olhar, nos permite, na verdade, ver as coisas, sob uma ótica completamente distinta: a ótica da vidraça quebrada. A visão do inconsciente.” (FUÃO, 1996)

Na *collage* não existe o certo ou o errado, ela apenas permite que sentimentos e expressões venham à tona com a escolha intuitiva de imagens que irão revelar algo. São as imagens as grandes operadoras das mentes, através delas é possível navegar pelo nosso inconsciente. Jung trouxe a descoberta da espon-

taneidade criativa através do inconsciente e ressaltava a grande importância da fantasia como manifestação psíquica não controlada pelo consciente e, por isto, livre em suas formas de expressão. A teoria junguiana ampliou a visão de muitas áreas e sua influência se faz presente nas atividades culturais, no campo das artes, na teologia e na antropologia.

O processo de recorte não se restringe ao uso da tesoura; antes de tudo é uma atitude de vida, determinante da distanciação e da destruição de um determinado conjunto. Segundo Flusser (1984), ao ver uma *collage* deve-se transpor o objeto colado para ver o contexto no qual ele foi recortado. Essa atitude põe a *collage* contra um reflexo do mundo, o mundo-imagem, cortando-o a golpes de tesoura e remontando-o sobre uma nova superfície. É nesse momento, quando fragmentos da imagem são retirados, deslocados, destacados e rasgados, que ocorre a rejeição do contexto e a aceitação de um novo significado. O objetivo da *collage* é destruir códigos para resignificá-los e, assim, abrir novos caminhos e descobrir novos significados.

1.3 A COLA COMO PONTE



Figura 5.
Hannah Höch.
Indian Dancer, 1930.
Photomontage
with collage.

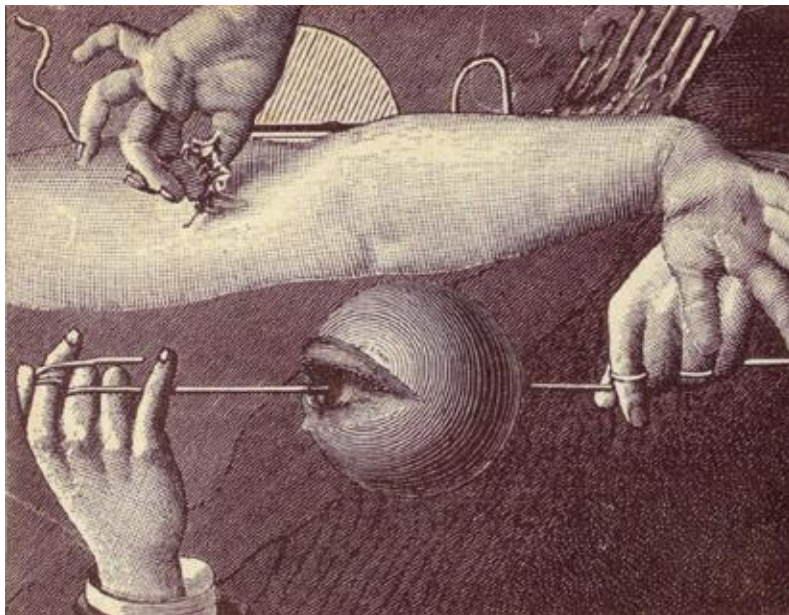
Figura 6. Hannah Höch.
German Girl, 1930.



Figura 7. Hannah Höch.
Bouquet Of Eyes, 1930.



Figura 8. Max Ernst para
capa do livro de poesias
de Paul Eluard, *Repetitions*,
(1982).



A cola é o elemento que simboliza o trabalho da *collage* e tem por objetivo fixar uma figura à outra ou a um suporte. Entretanto, o princípio da *collage* não encontra-se nela. O colar, não é a etapa mais importante do procedimento. A lendária frase de Max Ernst afirma que existe *collage* sem cola :

"Se as plumas fazem a plumagem, a cola não faz a collage."
(ALEXANDRIAN, 1973:66)

É no encontro entre as figuras recortadas que se realiza o colar. Certamente, não é a cola que faz a *collage*, e, sim, o encontro das figuras que andam, esperam e buscam abrigo nas demais. O trabalho da cola é mesmo conectar, unir. Uma série de significados e desdobramentos são descobertos quando investiga-se o sentido etimológico da cola, que vai muito além da definição de sua substância ou do ato de colar, como por exemplo trazendo para ela o sentido de conexão ou o conceito de ponte.

"A ponte similarmente a cola tem por finalidade conectar fragmentos de mundos, realidades distintas ou similares e, em geral, se configura como uma 'solução' ao problema do transporte sobre o abismo do recorte. É ela que permite a comunicação entre os povos, as línguas, e as culturas separadas pelas gargantas dos abismos geográficos. Ponte é qualquer elemento que estabelece a ligação, contato, comunicação ou trânsito entre pessoas e coisas."
(FUÃO, 2014).

A cola é o símbolo que marca o trabalho da *collage*. É a ponte, conexão, ligamento. É o que faz com que o que foi colado seja inteiro, quando na realidade é totalmente fragmentado. Fernando Fuão (2014) explica que colar é o contrário de recortar, porque não se trata de consertar o mundo - por meio da cola, mas antes, de destruir - através da tesoura, um mundo intolerável.

"O contato revela a figura, ou seja: vela, volta a unir, colar. Mesmo antes de ser colada, cada coisa já está dentro de outra coisa, uma figura está sobre a outra. A cola é só uma formalização, uma com-sagração, um congelamento. Assim com a cola, com o com-tato qualquer objeto, figura, corpo, tende a assemelhar-se ao outro por mais distinto que pareça, exatamente pelo tempo que está grudado, atado a esse outro; e mais do que isso: acaba sendo esse outro até por costume." (FUÃO, 2014:66).

Fernando Fuão (2014) também escreve que a cola tem a missão de unir figuras de mundos com realidades distintas ou similares uma vez que ela permite a comunicação entre pessoas, línguas e culturas. Ponte é qualquer elemento que estabelece uma ligação, contato ou comunicação entre coisas e pessoas. A *collage* é uma arte de apoio, de junção, de amigos, de comunidades, a arte da amizade e acolhimento.

"Quem faz collage não consegue se contentar com pedaços de mundo que lhe rodeia; 're-colar' esses fragmentos para construir um mundo novo é uma tentativa de reconstruir um mundo que ele próprio destruiu. Dessa visão, a collage, enquanto arte, é uma autêntica afirmação de re-ligação." (FUÃO, 2014).

Em seu sentido material, a cola é apenas um procedimento que tem a finalidade de fixar uma superfície na outra, um objeto no outro. Sua função é mesmo conectar e unir. Permite a passagem de objetos e seres de um lugar para outro. A ideia de quem faz colagens é criar pontes invisíveis, pontes de significados. Re-colar esses fragmentos é construir uma nova história, um novo mundo.



CAPÍTULO 2

RECORTANDO E COLANDO O FEMINISMO

A palavra feminismo nunca esteve tão falada como nos dias de hoje. Ainda odiado por muita gente, tal termo vem movendo as estruturas dos últimos anos. O feminismo é um movimento que produz sua própria história, teoria e reflexão crítica. No entanto, é um movimento com muitos recortes necessários, posições ideológicas, abordagens e perspectivas adotadas, assim como grupos, posturas e ações diferentes. Como na colagem, ele é heterogêneo, capaz de gerar inúmeras imagens e composições finais.

“A relação entre política e representação é uma das mais importantes no que diz respeito à garantia de direitos para as mulheres e é justamente por isso que é necessário rever e questionar quem são esses sujeitos que o feminismo estaria representando. Se a universalização da categoria mulheres não for combatida, o feminismo continuará deixando de fora diversas outras mulheres e alimentando assim as estruturas de poder.” (RIBEIRO, 2014).

No Brasil, dá-se ao nome de “Primeira Onda” o movimento feminista que teve início no século XIX. As principais reivindicações eram o direito ao voto e à vida pública. Em 1917, foi fundada a “*Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*”, por Nísia Floresta¹¹ e Bertha Lutz¹², que tinha como objetivo lutar pelo direito ao voto feminino e ao trabalho sem a autorização do marido. No início dos anos 70, no momento em que a democracia brasileira estava abalada, nasceu a “Segunda Onda” do movimento. Somava-se à luta contra a ditadura militar, o direito ao prazer, a recusa à violência sexual e a valorização do trabalho da mulher. As militantes eram mulheres letradas, de classe alta, que entravam em contato com feministas de fora do País. Em 1975, formou-se o “*Movimento Feminino pela Anistia*” e, no mesmo ano, o jornal “*Brasil Mulher*”, que ficou ativo até 1980. A “Terceira Onda” teve início na década de 90, onde começou-se a discutir os modelos impostos pelas outras ondas, colocando em discussão a micropolítica.

¹¹ Nísia Floresta foi uma educadora, escritora e poetisa brasileira. É considerada uma pioneira do feminismo no Brasil e foi provavelmente a primeira mulher a romper os limites entre os espaços públicos e privados publicando textos em jornais, na época em que a imprensa nacional ainda engatinhava.

¹² Bertha Lutz foi uma ativista pelo feminismo, bióloga e política brasileira.

Figura 9.
Cartaz de divulgação
do Movimento Feminino
Pela Anistia no Brasil, 1975.



Figura 10.
Jornal Brasil Mulher,
1975.



Nos EUA, em 1970, as mulheres negras começaram a denunciar a invisibilidade delas dentro das pautas de reivindicação do movimento. Já no Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força apenas no final dessa década, lutando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos. Esta onda recebeu uma grande quantidade de críticas, muitas delas impulsionadas por *Judith Butler*¹⁴, nas quais pretendiam mostrar que o discurso universal era excludente, uma vez que as opressões atingiam as mulheres de modos diferentes, fazendo-se necessária a discussão de gênero junto a um recorte de classe e raça, considerando-se a individualidade de cada mulher.

Conforme contribuição de Ribeiro (2014), em artigo escrito e publicado pela Revista Carta Capital,

“Por exemplo, trabalhar fora sem a autorização do marido, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras/pobres, assim como a universalização da categoria “mulheres”, tendo em vista a representação política, foi feita tendo como base a mulher branca, de classe média. Além disso, propõe, como era feito até então, a desconstrução das teorias feministas e representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, masculino/feminino.” (RIBEIRO, 2014)

Tal universalização do movimento era considerada um grande problema, uma vez que de um lado havia mulheres brancas, de classe alta que lutavam por direitos iguais e de outro, mulheres negras que lutavam por direitos básicos. As diferentes vertentes no feminismo surgiram para tratar as pautas de cada grupo separadamente, uma vez que uma mulher trans, uma mulher negra, uma mulher asiática, uma mulher indígena e uma mulher branca possuem necessidades diferentes.

“O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes nesse ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões como racismo, lesbofobia, transmisoginia, urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação e não mais como assuntos secundários.” (RIBEIRO, 2014).

Em *“O Segundo Sexo”*¹³, de 1949, *Simone de Beauvoir* já havia desnaturalizado o ser mulher ao dizer que “não se nasce mulher, torna-se”, distinguindo a construção do “gênero” e o “sexo dado”, mostrando que não é possível justificar com fatores biológicos comportamentos sociais e valores que eram dados às mulheres. Se não se nasce mulher, se ser mulher é algo que se é construído, não faz sentido a exclusão das mulheres trans como sujeitos do feminismo. A filósofa francesa defendia a ideia de que o sexo é natural assim como o gênero é socialmente construído como algo que é imposto à mulher. Dessa forma, a divisão sexo/gênero funcionaria como a principal base para a política feminista, sendo um ponto de partida para que *Judith Butler* questionasse o conceito de mulheres como sujeito do feminismo, desempenhando assim uma forte crítica a este modelo binário e empreendendo uma tentativa de desnaturalizar o gênero.

Para a garantia de direitos a mulheres, é de suma importância entender a relação entre política e representação, e é por isso que é necessário questionar quem são essas pessoas que o feminismo está representando. Se este movimento universal não for combatido, diversas mulheres ficarão de fora do discurso, o que alimentará as estruturas de poder. Dessa forma, é urgente incluir e pensar nestas intersecções como um primeiro passo para se falar em feminismo.

¹³ *O Segundo Sexo* é um livro escrito por Simone de Beauvoir, publicado originalmente em 1949 e uma das obras mais celebradas e importantes para o movimento feminista.

¹⁴ *Judith Butler* é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética.

¹⁵ *Patriarcado* é um sistema social que designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas dos anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões “subordinação” ou “subjeição” das mulheres, ou ainda “condição feminina”.

¹⁶ *Lugar de Fala* é um termo que representa a busca pelo fim da mediação: a pessoa que sofre preconceito fala por si, como protagonista da própria luta e movimento. É um mecanismo que surgiu como contraponto ao silenciamento da voz de minorias sociais por grupos privilegiados em espaços de debate público. Ele é utilizado por grupos que historicamente têm menos espaço para falar.

¹⁷ *O Feminismo Negro* é um movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. O problema da mulher negra se encontrava na falta de representação pelos movimentos sociais hegemônicos.

2.1 OS FEMINISMOS

Com a rápida repercussão do feminismo, muitas outras discussões vieram à tona. Termos que eram considerados raros como “*Patriarcado*”¹⁵ ou “*Lugar de Fala*”¹⁶ viraram comuns aos ouvidos não só de quem estuda sobre, mas também para interessados e atentos ao que o movimento diz. No Brasil, os movimentos feministas mais populares são: o feminismo negro¹⁷, o feminismo radical¹⁸ e o feminismo interseccional¹⁹.

“Feministas são seres em luta, sendo ou não mulheres, já que a diversidade do termo feminismo não pode depender da unidade do conceito de “mulher” em um sentido natural. É nesse cenário que surge o típico contemporâneo do “lugar de fala”, fundamental no contexto em que a politização de grupos e sujeitos se faz por meio de marcadores opressivos, redefinidos como mote de politização.” (TIBURI, 2018:53).

Para explicar o que é lugar de fala, *Djamila Ribeiro* (2018), em seu livro “*O que é Lugar de Fala?*” cita a professora de sociologia *Patricia Hill Collins*, que explica que a teoria do ponto de vista feminista precisa ser discutida a partir da localização dos grupos nas relações de poder. Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades.

Há uma diferença entre as experiências vividas por indivíduos separadamente e as condições sociais que permitem ou não tais pessoas a acessarem lugares de cidadania. É necessário entender como o lugar social que alguns grupos ocupam limitam oportunidades. Por isso, é imprescindível entender qual é o seu “lugar de fala” e respeitar o “lugar de fala” alheio.

“Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma.” (RIBEIRO, 2017:61).

É preciso entender ações políticas e teorias que deem conta de pensar que não pode haver prioridades, já que essas dimensões não podem ser pensadas de forma separada. Mulheres negras possuem maior vulnerabilidade a opres-

sões do que mulheres brancas. Assim como uma mulher negra e trans, possui um lugar mais suscetível ainda dentro de uma sociedade tão homofóbica, racista e machista como a brasileira.

2.2 COLETIVIDADE NO FEMININO: UMA REDE DE SOBREVIVÊNCIA.

Como diz *Judith Butler*, a identidade feminina, assim como gênero, é uma construção social que é redesenhada ao longo da história. A perspectiva feminina atual contribui para um presente e futuro mais amorosos. Dentro do panorama do percurso da mulher no mundo, é visível o papel feminino na resolução de conflitos, propondo soluções criativas para diversas questões que levam ao coletivo. Este acolhimento entre mulheres se dá a partir do momento em que se encontram em situações parecidas, uma vez que o sistema patriarcal as obriga a acreditar que “toda mulher” é provedora, acolhedora e maternal.

É possível enxergar isso no dia a dia, desde um ambiente de trabalho até uma situação simples e comum: uma troca de receitas na fila do supermercado, um contato que foi passado de amiga para amiga, uma ajuda com o filho da vizinha que precisou trabalhar até mais tarde. Ou seja, uma rede de acessos que só existe no feminino.

“Nessa ideologia, os homens em geral sempre trataram as mulheres como incapazes para o conhecimento e o poder, como traidoras, como loucas e más, como se fossem animais domesticados para a força de trabalho e para o alimento sexual. A misoginia, por sua vez, foi o sustentáculo, uma espécie de lastro que autorizava o comportamento masculino contra o diálogo e a favor de toda essa violência.” (TIBURI, 2018:48)

A mulher por muito tempo não pôde aprender a ler e escrever. A fala e a escrita eram seus principais meios de comunicação. Ela não podia estudar ou frequentar certas reuniões sociais. E qual era o meio de saber as novidades, os remédios de cura pra dor de cabeça, o melhor chá para ajudar a dormir, uma melhor maneira de se conhecer? Por outra mulher. Que tinha ouvido de outra mulher alguma história. Que tinha aprendido com a avó alguma receita. Que tinha ela mesma descoberto alguma coisa nova. Através de diálogos.

¹⁸ *O Feminismo Radical* busca de uma forma revolucionária haver um centramento total e completo na mulher. Feminismo feito por mulheres, para mulheres.

¹⁹ *O Feminismo Interseccional* procura conciliar as demandas de gênero com as de outras minorias, considerando classe social, raça, orientação sexual, deficiência física, etc. São exemplos de feminismo interseccional o transfeminismo, o feminismo lésbico e o feminismo negro.

O diálogo é o compartilhamento e o acesso, mesmo que muitas vezes seja tido como “fofoca”, “coisa de mulher”, “coisa de bruxa”, “crendice”, “frescura” e por aí vai. Trocas que são passadas pra frente, dando informações e ferramentas para outras mulheres. Um exemplo comum de comportamento social feminino é quando uma mulher cuida do filho da outra, enquanto esta vai trabalhar. Mulheres de baixa renda, que exercem trabalhos braçais e que, se faltarem ao trabalho, serão demitidas. Ou então quando o colégio do filho de uma não funciona e, automaticamente, outra mulher, que pode estar desempregada, se dispõe a cuidar da criança. Dessa forma a rede se forma, uma vez que uma hora será esta mulher quem pedirá ajuda e contará com esta rede de acolhimento.

“Demorou para que as mulheres conquistassem o seu lugar de fala, o seu direito de dizer o que aconteceu, o seu direito de pesquisa e de memória. O feminismo se construiu a partir dessa conquista da liberdade de expressão.”
(TIBURI, 2018:48)

Por meio de uma rede de mulheres, a voz feminina, que antes era calada, faz-se presente e ecoa de diferentes formas. A mulher é multiplicadora porque entende o feminismo como uma rede de sobrevivência. Sentir-se pertencida por um grupo passa a sensação de força e acolhimento a mulheres que foram enfraquecidas emocionalmente ou fisicamente por relações de opressão e machismos diários. E se a luta é coletiva, a dor, o amor e a cura também são.

2.3 A EMPATIA QUE LEVA A SORORIDADE

No momento em que mulheres enxergam que dentro de uma sociedade patriarcal, o conceito de identidade é um parâmetro heteroconstruído, é possível transformar o olhar sobre o que é imposto como um padrão socialmente aceito. É visível como o “movimento do auto-amor, cuidado e conhecimento” tem falado mais alto em todas as mídias mais importantes do mundo. A autoaceitação do seu próprio corpo e identidade são temas presentes nos dias de hoje, assim como questionamentos e indagações sobre o que viria a ser o corpo “perfeito”.

“O feminismo nos ajuda a melhorar o modo como vemos o outro. O direito de ser quem se é, de expressar livremente a forma de estar e de aparecer

e, sobretudo, de se autocompreender é ao que o feminismo nos leva. A postura autocrítica necessária a toda crítica honesta depende dessa mudança do olhar, que depende, por sua vez, de nossa capacidade de prestar atenção. Essa capacidade não é natural, é construída em processos de aprendizagem que envolvem a nossa própria construção como pessoas.” (TIBURI, 2018:23).

No feminismo, a identidade é um elemento de construção próprio que passa necessariamente pelo autorreconhecimento de cada mulher acerca de si mesma. Cada mulher possui uma dor, uma angústia ou uma história única mas que se costura com a de outras mulheres. No final, praticamente todas as mulheres já passaram por situações de assédio, violência, opressão ou machismo em comum, mesmo que em intensidades ou instâncias diferentes. O feminismo ajuda as pessoas a assumirem quem são, ou seja, as identidades que lhes fazem bem, que lhes dão sentido e que não podem ser vividas como pesos que precisam carregar ou negar.

A sororidade é a união e a aliança entre mulheres, baseada na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. Do ponto de vista do feminismo, a sororidade consiste em não haver julgamento prévio entre as próprias mulheres. Foi criada uma cultura social na qual mulheres deveriam ser rivais. Além disso, deveriam se sentir ameaçadas, caso o companheiro tivesse alguma amizade feminina, ou então uma preferência a amigos homens por serem pessoas mais fáceis de lidar, menos invejosos ou competitivos.

Um dos principais objetivos para que isso aconteça é a objetificação da mulher, que faz com que, automaticamente, essa competição constante se propague. Outro motivo é a ideia de que o patriarcado queira dificultar o diálogo entre mulheres como um todo. Enquanto continuarem inimigas, divididas e rivais, mulheres não estarão unidas a ponto de fazer uma grande mudança na forma como a sociedade as enxerga.

Não é interessante para o patriarcado o direito ao corpo feminino. As mulheres precisam reivindicá-lo, porque ele precisa ser devolvido a si mesmo. O feminismo nos ensina a lutar por isso, por um mundo em que assim como os corpos, a dignidade das pessoas possam ser resgatadas. É importante que as mulheres estejam conscientes do seu próprio corpo e que ninguém além delas possa dizer o que devem ou não fazer com ele.



CAPÍTULO 3

INTERNET E PERTENCIMENTO

A internet é uma ferramenta que permite a comunicação entre muitas pessoas, em escala global. Além de nos proporcionar o rápido e fácil acesso a qualquer tipo de informação ocorrente no mundo inteiro, este meio de comunicabilidade passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação²⁰: a rede. Uma rede é um conjunto de pessoas interconectadas. Sua construção é uma prática antiga que no entanto ganhou um novo sentido nos dias de hoje, transformada pelas mídias de informação proporcionadas pela internet. As redes têm como características a flexibilidade e a adaptabilidade, ferramentas essenciais para a sobrevivência e desenvolvimento em um ambiente com constante mutação.

Este espaço com áreas privadas serve de apoio aos processos sociais, afetivos e de acesso à informação, os quais alteram as redes eletrônicas e de telecomunicações em um ambiente ocupado por seres que (re)constroem as suas identidades e os seus laços sociais nesse novo contexto comunicacional. Dessa forma, é criada uma estrutura com novas formações sociais que adquirem novos valores.

A internet permite que pessoas, antes excluídas, tenham voz de protesto, fala e atenção. Além disso, torna possível a troca de experiências e vivências diárias, de modo que possam se sentir pertencidas. É um espaço importante para se escutar narrativas, já que, de modo geral, a mídia hegemônica ainda ignora falas de quem sempre foi e é esquecido das grandes redes de notícias. Tal mídia é atingida com o barulho de muitos grupos sociais, fazendo com esta seja também uma ferramenta de militância.

²⁰É o nome dado ao período que vem após a era industrial, mais especificamente após a década de 1980; embora suas bases tenham começado no princípio do século XX e, particularmente, na década de 1970, com invenções tais como o microprocessador, a rede de computadores, a fibra óptica e o computador pessoal.

“Caída a ideia de uma racionalidade central da história, o mundo da comunicação generalizada explode como uma multiplicidade de racionalidades “locais” - minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas - que tomam a palavra, finalmente já não tacitamente aceites e retomadas pela humanidade verdadeira a realizar, não obstante todas as peculiaridades, todas as individualidades limitadas, efemeras, contingentes.” (VATTIMO, 1991:16-17)

²¹ Minorias são grupos marginalizados dentro de uma sociedade devido aos aspectos econômicos, sociais, culturais, físicos ou religiosos.

As redes sociais tornam-se pontes de acesso para encontros entre minorias²¹, que nelas encontram pessoas, casos, vivências e situações parecidas com algo que já presenciaram e viveram. A internet proporciona um espaço de desabafo, acolhimento e compartilhamento de informações para quem precisa de ajuda. Ela permite o desenraizamento, ou seja, permite que uma pessoa, mesmo sem sair de casa, consiga presenciar, estudar e até mesmo se identificar com outra cultura, a qual nunca teve oportunidade de conhecer pessoalmente.

Entretanto, mesmo com a expansão da comunicabilidade nos dias de hoje, vemos uma comunicação falha entre as pessoas. Estamos no caminho de viver em uma solidão organizada na qual a comunicação por meio da fala, do toque e do gesto está enfraquecida. Essa ideia nos leva a pensar que a ideia de comunidade também pode encontrar-se fragilizada. Porém, é necessário refletir que talvez não seja o seu final mas sim um processo de mudança. A transformação é proporcionada pelas novas formas do cenário tecnológico de comunicação e pelo nascimento de uma geração de teias sociais que intensificam a origem do sentimento de comunidade.

Dessa forma, podemos pensar na internet como geradora de um novo espaço antropológico, uma vez que permite uma comunicação sem grandes conflitos e com segurança. Além disso, possibilita conhecermos pessoas que jamais pensaríamos que pudéssemos falar, ouvir a voz ou até mesmo saber sobre suas ideias e pensamentos.

“As comunidades virtuais são feitas de pessoas e do que elas realmente querem, daquilo que realmente lhes interessa, sem constrangimentos prévios ou póstumos (...) As novas tecnologias dão a cada um de nós um poder sem precedentes de construir o nosso próprio mundo de referência, de encontrar as pessoas que realmente nos interessam, estejam onde estiverem, de aprender e ensinar sobre aquilo que realmente queremos que faça parte da nossa vida.” (SOARES, 1999:75).

Ou seja, a internet nos permite encontrar e filtrar informações específicas. É possível recortar o que queremos conhecer, pinçar o que realmente nos interessa e ganhar um mundo de informações a partir disso. O conhecimento é capaz de modificar a vida de um indivíduo que, mesmo sem privilégios, pode adquirir informações de forma igualitária e democrática. A escrita deixou de ser a única linguagem, dando espaço a informática, a qual ampliou as opções de comunicação. Dessa forma, construiu-se uma grande rede que engloba imagem, som, movimento e simulação, gerando ambientes infocomunicacionais alternativos que estão a serviço da virtualização.

Mesmo sendo um espaço onde encontramos muito lixo informacional, como por exemplo as Fake News²², pode-se considerar a internet como um espaço onde indivíduos provenientes de um determinado lugar, com contextos e vivências específicas, possam encontrar-se com outros originalmente diferentes ou semelhantes, causando um choque cultural entre eles. Tal choque pode ser visto como um grande aprendizado e troca de culturas, experiências e informações que são capazes de recriar um pensamento e criar uma nova história, além agregar conhecimentos valiosos.

3.1. LUGARES E NÃO-LUGARES

A ideia de território, normalmente, está relacionada ao conceito de fronteiras geográficas e limites espaciais físicos. No entanto, com o avanço das redes tecnológicas, tal conceito foi totalmente modificado. As mudanças estruturais causadas pela tecnologia têm conduzido uma reorganização dos fluxos de informação e comunicação. São os interesses comuns que agora determinam a distância entre as pessoas e não o espaço físico. Além disso, é preciso lembrar que são os elementos simbólicos representativos de um território que lhe dão identidade. Dessa forma, podemos pensar que existem territórios na internet, enquanto espaços ou fluxos de comunicação que geram o compartilhamento de relações, informações e culturas. A Internet é um espaço onde o público, o privado, o local, o global, o material e o virtual convivem, o que conduz à geração de novas reorganizações sociais tradicionais.

Um lugar é aquilo que possui inúmeros significados, muitos surgidos a partir de seus ocupantes e da cultura que lhes é agregada. Para exemplificar um lugar tradicional, podemos utilizar as formas de vida tipicamente pré-moder-

²² Termo usado para definir a distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio ou online, como nas mídias sociais.

nas, como vilarejos, aldeias indígenas, feudos medievais e pequenas cidades, caracterizadas por uma cultura muitas vezes homogênea com uma grande igualdade de interesses entre os seus membros. São lugares isolados pela ausência de meios de transporte e comunicação rápidos.

Marc Augé se refere aos lugares tradicionais como lugares antropológicos:

“Reservamos o termo ‘lugar antropológico’ àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. (...) Esses lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos. O projeto da casa, as regras de residência, os guardiões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte das terras correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social. Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. (AUGÉ, 1994:51).”

Estes lugares são caracterizados por carregarem uma identidade e um conjunto de relações sociais muito fortes. São lugares antropológicos, tradicionais e históricos. Uma pessoa que nasce em um lugar tradicional tem sua vida demarcada pelo território uma vez que o espaço em que habita e as suas relações sociais não se separam. Nesses lugares há uma certa estabilidade, hábitos e costumes são praticados em harmonia entre seus habitantes.

“Os membros de uma tribo têm um sentimento comum para com sua região, e, portanto, para com os demais membros. Esse sentimento evidencia-se no orgulho com que falam de sua tribo enquanto objeto de sua lealdade, na depreciação jocosa de outras tribos e na indicação de variações culturais em sua própria tribo como símbolos de sua singularidade. Um habitante de uma tribo vê os habitantes de outra como um grupo indiferenciado, para o qual ele tem um padrão indiferenciado de comportamento, enquanto vê a si mesmo como membro de um segmento da própria tribo. (...) O sentimento tribal baseia-se tanto na oposição às outras tribos, como no nome comum, no território comum, na ação conjunta na guerra, e na estrutura comum de linhagem de um clã dominante (PRITCHARD, 2007:178).”

Esses espaços comunitários, nos quais seus habitantes possuem suas identidades baseadas em suas vivências em um determinado local, são os espaços

dos lugares tradicionais. Mesmo numa cultura pós-tradicional, onde a tradição não tem mais tanta importância, existem lugares identitários, com suas próprias características. No entanto, não significa que apenas onde exista tradição existam lugares deste tipo. Junto ao lugar tradicional, vem a noção do tempo localizado. Este é o tempo associado a uma vivência cotidiana, como acordar e trabalhar, que por demarcar um tempo, torna-se simbólica e o adicionam a um lugar específico.

Um território não é constituído apenas por lugares. Em oposição a eles Marc Augé (1994), aponta os não-lugares para se referir a lugares transitórios que não possuem significado suficiente para serem definidos como “um lugar”. Eles não são históricos, não são relacionais e nem identitários. São, por exemplo, lugares de passagem, de ocupação efêmera, como uma estação de metrô, um supermercado ou aeroporto.

O período moderno foi instaurado com as revoluções francesa e industrial. Junto a ele começaram a acontecer diversas transformações e consequências definitivas para as sociedades globais. Com as revoluções, houve o amplo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte. Devido aos seus ideais, a revolução francesa permitiu a liberdade de expressão e de imprensa, o que levou a uma busca pela inovação nas formas de comunicação. A revolução industrial levou ao aperfeiçoamento dos dispositivos de informação, ampliando a possibilidade da conectividade e compartilhamento de informações de forma global.

Novas tecnologias e conhecimentos puderam ser trocados. Houve um processo de compartilhamento de culturas, as quais deixaram de se fechar em si mesmas. Em pouco tempo, informações corriam pelo mundo inteiro, lugares tornaram-se acessíveis e a comunicação ficou mais rápida. Dessa forma, novos significados surgiram e se multiplicaram por diversas partes do mundo. Tal momento, chamado de sociedade em rede ou sociedade da informação, trouxe grandes e fortes mudanças. Houve uma propagação de novos estilos de vida, modos de falar, pensar e vestir que não mais se limitavam a uma fronteira ou a um lugar específico. Agora qualquer tipo de informação poderia ser compartilhada com o mundo todo, as atividades passam a não depender mais da localidade.

Anthony Giddens nos fala de esvaziamento do espaço:

"O desenvolvimento de 'espaço vazio' pode ser compreendido em termos da separação entre espaço e lugar. (...) 'Lugar' é melhor conceitualizado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente. Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela 'presença' – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros 'ausentes', localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face." (GIDDENS, 1991:26)

O autor propõe dois elementos que contribuíram para o conceito de espaço vazio: a percepção dos locais como múltiplos (sem favorecer um lugar específico) e os sistemas que permitem a utilização de um limite espacial comum. Lugares vazios podem ser associados ao fenômeno dos não-lugares, nomeado pelo antropólogo Marc Augé em 1994. Se no lugar há uma relação forte entre o espaço e o social, no não-lugar isso se perde. Assim, os não-lugares vão além de espaços físicos, passando também por uma nova forma de relação entre as pessoas que ali se relacionam, de acordo com a rapidez na realização das necessidades imediatas. São lugares que são os mesmos em todas as localidades. Tal velocidade leva a uma ocupação efêmera do espaço, fazendo com que o sentimento de pertencimento existente ali não seja tão grande. O contato com o outro é limitado e, por isso, nos não-lugares predomina a solidão.

"Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a 'lugares de memória', ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994:73)"

Exemplos de não-lugares podem vir a ser lugares de passagem, como por exemplo, avenidas, rodovias, aeroportos e estações de metrô. São lugares diferentes, com impessoalidade. Enquanto no lugar a identidade partilhada é

criada pelas relações sociais, pela convivência, pela linguagem e pelo modo de lidar com o ambiente, no não-lugar uma identidade partilhada é exigida e pré-concebida. Todos são iguais e todos são indiferentes aos outros. Ali encontramos uma noção de tempo deslocado, pois ele é instantâneo, se passa no presente. Tempo e espaço sempre foram conectados e, a partir do momento em que a noção de tempo é modificada, o conceito de espaço também adquire um novo significado. O indivíduo, visando uma comunicação global, teve de se adaptar a um novo tempo, diferente do tempo local, um tempo válido para todos os diversos pontos do globo terrestre.

Anthony Giddens usa o termo "desencaixe" para se referir ao deslocamento das relações sociais de um contexto local e o termo reencaixe para sua posterior reestruturação através de extensões indefinidas de tempo e espaço. Segundo o autor, o tempo deslocado só é possível porque existem formas de desencaixe que fazem com que relações sociais sejam realizadas a longas distâncias. Tais formas são: o dinheiro e os sistemas tecnológicos, os quais organizam e regulam a vida social contemporânea. Os não-lugares são os mesmos em todos os espaços que se manifestam e o significado do tempo é indiferente uma vez que não estão ligados a localidade, mas podem ser entendidos em qualquer não-lugar.

3.2. O REAL (TERRITORIALIZAÇÃO) E O VIRTUAL (VIRTUALIZAÇÃO)

Geralmente definimos como virtual algo que não é físico, concreto ou palpável. Pode ser entendido como uma simulação, uma versão imaterial ou uma teoria. Pode ser exemplificado como algo que existe, mas não materialmente. Está suspenso, em algum lugar, sem que nos seja possível de tocar. Tal conceito se faz presente no uso dos computadores, uma vez que esses nos dão a possibilidade de simular ações e situações além de serem uma ferramenta para relações sociais através das redes.

Para entender melhor o conceito de virtualidade, a obra "O que é o Virtual?" do filósofo Pierre Lévy (1996), traz conceitos que definem a relação entre ela e a realidade:

²³ Webcam é uma câmera de vídeo de baixo custo que capta imagens e as transfere para um computador. Pode ser usada para videoconferência, monitoramento de ambientes, produção de vídeo e imagens para edição, entre outras aplicações.

²⁴ FaceTime é um software desenvolvido pela Apple Inc. que permite fazer ligações telefônicas ou videochamadas entre aparelhos que rodam o sistema operacional da empresa.

²⁵ Skype é um software que permite conversar com o mundo todo. É possível fazer chamadas de vídeo e voz gratuitas entre dois usuários, bem como chamadas em grupo, enviar mensagens de chat e compartilhar arquivos com outras pessoas.

²⁶ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

²⁷ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

“Já o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore.” (LÉVY, 1996:16)

Para Lévy, a virtualização se opõe a atualização, uma vez que consiste na passagem do atual para o virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. Para o filósofo, a atualização é a solução de um problema, é a criação a partir de uma dinâmica. Já a virtualização é o processo inverso da atualização. Não se trata porém de uma desrealização, mas de uma mudança de identidade do real. Quando algo se virtualiza, se desterritorializa. Ainda depende de algum espaço físico, mas não de uma concepção clássica de tempo e espaço. Além da virtualidade, características como a fluidez, navegabilidade, praticidade e conectividade estão fortemente presentes no espaço cibernético, para o qual é transferido uma parte significativa do tempo e experiência dos usuários.

“Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam. (...) A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. (...)” (LÉVY, 1996:21)

A realidade também tem seu lado virtual, uma vez que só é entendida através de uma representação simbólica. No entanto, uma vez que os meios de comunicação atuais carregam uma diversidade cada vez maior de signos, causando uma diversa e vasta interpretação de todos os cantos do mundo, a importância do que é o virtual aumenta, causando uma cultura da virtualidade real.

Segundo Castells:

“A cultura da virtualidade real é “um sistema em que a realidade é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, na qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora das experiências, mas se transformam na experiência”. (CASTELLS, 1999:459)

O virtual torna-se cada vez mais real. Nos dias de hoje, os dois conceitos andam juntos nas comunicações, relações, experiências e compartilhamentos de informações. Pessoas se relacionam em rede 24 horas por dia e não precisam mais sair de casa para pagar contas, fazer reuniões ou assistir aulas. Muitas formações acadêmicas são feitas através da internet e cirurgias “virtuais” são feitas com aplicativos de edição de foto, atingindo um padrão que existe apenas no virtual. Então, o que é o real e o que é o virtual? Qual o limite entre eles?

Segundo Lévy, a virtualização é um dos maiores criadores de realidade uma vez que possui a aptidão de nos desprender do aqui e do agora. A sociedade atual está cada vez mais entregue aos espaços cibernéticos, uma vez que são capazes de produzir efeitos no imaginário e na vida dos seres humanos. Em um mundo lotado de inseguranças e ansiedades, fazer parte de um lugar “perfeito”, mesmo que inexistente, é uma proposta chamativa. O virtual promove uma dinâmica de presença e relações afetivas que fazem com que o caos seja superado, ainda que seja de uma maneira ilusória. E, mesmo com a quantidade de trocas, ao lado de tal ilusão cresce uma instabilidade social, uma vez que se faz cada vez menos presente a sensibilidade de se relacionar fora da rede.

Com as transmissões ao vivo, os sistemas de telepresença (Webcam²³, FaceTime²⁴, Skype²⁵, entre outros) e as interações em tempo real pelas redes sociais (Whatsapp²⁶, Instagram²⁷, Twitter²⁸, Facebook²⁹, entre outros), o conceito de espaço não está mais ligado ao de lugar. Hoje a desterritorialização se dá facilmente. Pessoas podem estar em diferentes lugares cibernéticos ao mesmo tempo, ainda que dispostas num dispositivo em um lugar fixo e físico.

3.3 ESPAÇOS VIRTUAIS

Com o avanço da tecnologia, houve o surgimento de espaços virtuais, criados a partir da desterritorialização. Tal conceito acontece quando, diante do avanço do processo de virtualização, nascem lugares repletos de símbolos e significados reais que não estão presentes em um mesmo espaço físico. Além disso, comunidades são criadas a todo momento, onde vidas e relações se

²⁸ Twitter é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 280 caracteres, conhecidos como “tweets”).

²⁹ Facebook é uma rede social lançada em 2004. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos.

estabelecem de maneira virtual. Portanto, as relações são reais, mas em um espaço suspenso, imaterial, no qual a distância não é um empecilho para quem quer se comunicar mesmo estando do outro lado do mundo.

Tais lugares são oriundos da internet, que é o maior exemplo da nova configuração espacial. É um ciberespaço, que independe da matéria, no qual novas formas de sociabilidade permitem a formação de novos lugares. Com as redes sociais, surgiu uma nova forma de se relacionar, de modo que não exista uma localidade, permitindo que seus usuários não dependam de um espaço físico que limite sua identidade.

“Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem de coerção. Apesar de ‘não-presente’, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades.” (LÉVY, 1996:20)”

Geralmente, comunidades são definidas pelas relações pessoais, afetivas e éticas. Lugares virtuais são resultantes da reunião de pessoas ou grupos nessas comunidades, ligados, em sua maioria, por interesses em comum. Dali, surgem os espaços virtuais, ou seja, espaços de relação entre pessoas dentro de um espaço informacional, ou seja, um ciberespaço.

No entanto, o mundo da internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade. Nem toda interação em rede é homogênea ou caracterizada por uma presença em um lugar. Assim como existem os lugares, existem os não-lugares no mundo virtual. Com a formação de novos sites, de novas redes sociais, comércios online e de uma comunicação mais individualizada, surge também o não-lugar virtual. O não-lugar virtual, identificado pelos contatos indiferentes entre as pessoas, pelo não compartilhamento de saberes e relações. São lugares de passagem, onde não há muita interação entre as pessoas. Na internet, os não-lugares virtuais são encontrados onde existe uma comunicação passageira e pragmática. Alguns exemplos são sites de comércio, buscas ou redes sociais com um enorme número de perfis no qual há pouca interação.

A concepção de tempo também se modifica em uma sociedade cada vez mais virtualizada. O tempo virtual é um tempo deslocado, uma vez que se torna indefinido e quase instantâneo. Além disso, as relações não são mais limitadas pelas horas ou pelos fusos horários. Na internet, cada pessoa tem seu tempo individualizado. Ali, não precisamos agir como uma sociedade de rotinas igualitárias, com hora para acordar, comer, trabalhar e dormir.

Segundo Bauman (2001), houve uma transição da modernidade sólida para uma líquida. A primeira ofereceu, diante de sua racionalização, um deslocamento do tempo o qual foi acelerado pelos meios de transporte e pela criação de um sistema universal de demarcação do espaço e do tempo. Já na modernidade líquida, a aceleração deu-se com o desenvolvimento de meios de comunicação cada vez mais velozes, praticamente instantâneos.

“A mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo(...). O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta. Perdeu seu ‘valor estratégico’ diriam os especialistas militares. (...) A ‘instantaneidade’ aparentemente se refere a um movimento muito rápido e a um tempo muito curto, mas de fato denota a ausência do tempo como fator do evento e, por isso mesmo, como elemento no cálculo do valor. O tempo não é mais o ‘desvio na busca’, e assim não mais confere valor ao espaço.” (BAUMAN, 2001:136)

Com o fato das relações ocorrerem em lugares cada vez mais distantes, a distância não é mais um empecilho nas relações sociais. As noções de tempo e espaço foram reformuladas e em sua maioria perderam a importância, uma vez que as ações humanas tornam-se cada vez mais aceleradas e instantâneas. Esse tempo também é um tempo eterno, uma vez que nele contém todo o passado e futuro, bastante que seja acessado em um clique, pelas formas de comunicação informatizadas. Ao mesmo tempo que simultâneo, é também indefinido. O tempo não é apenas percebido, mas também entendido de maneira desconexa, onde presente, passado e futuro se misturam, fazendo com que torne-se indiferenciado.

3.4. AS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTAS DE BUSCAS EMPÁTICAS

Empatia é a arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, entendendo seus sentimentos e perspectivas, usando essa compreensão como uma forma de guiar suas próprias ações. É ter respeito pelo que o outro diz e sente. Não é um sentimento de compaixão, carregado de piedade ou pesar por alguém, mas sim uma maneira de compreender as emoções ou o ponto de vista da outra pessoa. Mesmo tendo a fama de ser uma emoção vaga, que somente a tem quem possui uma sensibilidade emocional e afetuosa avançada, a empatia é, de fato, uma virtude com o poder de transformar vidas e promover profundas revoluções sociais e humanas.

Desde os primórdios até contemporaneamente, com o aprimoramento da tecnologia, o conceito de troca e reciprocidade caminharam juntos e fizeram nascer o ambiente da cibercultura que conhecemos hoje. Com o avanço da internet, as redes sociais se tornaram grandes espaços de compartilhamento de histórias e informações. São lugares onde pessoas buscam por locais de conforto, escuta e fala, além de desfrutar de todas as possibilidades técnicas que as comunidades virtuais possibilitam. Os relacionamentos nas redes são, antes de tudo, relacionamentos entre pessoas ansiosas por reciprocidade, empatia e vida em comunidade.

Para sobreviver e se reproduzir, o ser humano convivia em grupos que, mais tarde, evoluíram para as primeiras comunidades. Max Weber já dizia que “O conceito de comunidade é mantido aqui deliberadamente vago e conseqüentemente inclui um grupo muito heterogêneo de fenômenos” (1987:79), uma vez que considerava que a ideia de comunidade tinha expressões e significados. Para ele, a comunidade nasce em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional entre as pessoas. Ele utiliza da relação o exemplo básico de qualquer comunidade. Esta só existiria quando um sentimento de situação comum e suas consequências viesse a tona de forma que fosse capaz de formar um todo.

“Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”. (WEBER, 1987:77)

Assim como a noção de espaço e tempo foram modificadas com os meios de comunicação, as relações humanas também foram transformando a ideia de comunidade. Dessa forma, as comunicações por meio da internet permitiram o nascimento de um novo tipo de comunidade, as comunidades virtuais. Segundo Reinghold (1994), fazem parte da formação de uma comunidade virtual: discussões públicas, encontros e reencontros, o tempo e o sentimento. Esses elementos dentro de um espaço virtual são os formadores de redes de relações sociais, constituindo-se em comunidades.

O pertencimento é outra característica da comunidade virtual. Esse sentimento é a noção de que somos parte de um todo e trabalha para uma finalidade comum com os demais membros daquele espaço. Diferentemente de um sentimento de pertencimento através de um território físico, nos espaços virtuais esse sentimento se dá pela oportunidade de escolha em “fazer parte” de certo grupo ou comunidade. Ali, os indivíduos podem buscar e encontrar relações empáticas e recíprocas, de forma que se sintam pertencentes a uma história e vivência.

Antes das redes sociais e da internet, todas as informações que chegavam até nós poderiam ser manipuladas de acordo com os padrões estabelecidos pela época. Ainda há poucos anos atrás, era comum não haver nenhuma ou pouquíssima representatividade de “minorias” na mídia. Tal termo evoca uma ideia de inferioridade numérica, mas que, no entanto, também é usado para fazer referência a grupos historicamente oprimidos, seja social, econômica, política e/ou culturalmente. Nesses casos a chamada “minorias” não necessariamente é inferior numericamente, uma vez que mulheres e negros, grupos frequentemente enquadrados neste termo, fazem parte da maioria da população brasileira, segundo dados do IBGE. Já a “maioria” é o grupo composto pelos que dominam e oprimem social, econômica, política e/ou culturalmente as minorias. Alguns exemplos básicos são: homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais.

Dessa forma, tais grupos não só são dominantes de tal minoria como também encabeçam os principais meios de comunicação. Para as mulheres negras, tais padrões são ainda mais cruéis, uma vez que desde crianças são incentivadas a alisar seus cabelos, caminhando junto a uma cultura de “embranquecimento”, já que a mídia tradicional trabalhava, em sua maioria, com corpos magros e brancos.

Segundo dados publicados pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), as novelas mais famosas no Brasil possuem, em média, 90% de personagens representados por atores/atrizes brancos e apenas 10% por pretos ou pardos. Tal percentual variou muito pouco nos últimos vinte anos, a despeito de esforços localizados para produzir novelas com maior participação negra. As novelas que mais apresentam personagens centrais não-brancos não excedem 31% do total.

Logo, pode-se concluir que todos esses números não só refletem as opressões machistas, racistas e LGBTQIfóbicas da vida real, como também as reforçam, uma vez que quando as histórias de tais “minorias” não são retratadas, os padrões impostos pela “maioria” é fortalecido e muitas vezes entendido como o ideal. Logo, faz-se necessário ressaltar a importância da representatividade na mídia e no entretenimento, uma vez que promove a autoestima e o empoderamento de grupos que foram historicamente oprimidos.

Portanto, os meios de comunicação possuem uma função social, já que carregam uma grande influência sobre como os indivíduos enxergam o mundo. Portanto, é essencial que haja o reconhecimento de todas as vozes da sociedade, uma vez que tal mudança comportamental midiática possui um grande potencial de transformações positivas.

A ascensão do ciberespaço é o resultado de uma exploração, em sua maioria, por jovens que buscam coletivamente novas formas de diálogos diferentes das impostas pelas mídias tradicionais e que, dessa forma, acabam fortalecendo uma comunicação descentralizada, onde todos podem se comunicar sem que haja um grande emissor com uma grande massa de receptores passiva. Tal espaço virtual é pioneiro no processo de protagonismo representacional das minorias sociais, uma vez que, além de ser descentralizado, possui

uma grande facilidade de acesso. Dessa forma, a presença de minorias dentro dele é fundamental para que interações sociais sejam criadas, além de haver a imposição da representatividade de corpos que antes eram excluídos pela mídia tradicional.

É de extrema importância questionar a real democratização do acesso a internet no Brasil, visto que a última Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em Novembro de 2017, apontou que apenas 63,6% das residências brasileiras possuem conexão. Já em 2014, a pesquisa apontava 54,9% dos domicílios com acesso a rede. Mesmo com uma distribuição de acesso desigual, o acesso a internet proporciona novos modelos de comunicação, mais democráticos e inclusivos, comparados aos meios tradicionais de comunicação.

Com o progresso do ciberespaço e o nascimento das redes sociais, minorias conseguem um local de fala no campo das comunicações que antes não existia. Grandes avanços são possibilitados, uma vez que tais populações marginalizadas conseguem ter espaço e voz, ganhando protagonismo no processo representacional e movimentando o imaginário social. O Youtube e o Instagram são dois exemplos de redes sociais nas quais os usuários não apenas encontram uma grande variedade de conteúdo, mas também podem produzir e compartilhar suas próprias produções, criando interações entre indivíduos que se identificam e se familiarizam com o que estão reproduzindo.

Deste modo, a rede social torna-se uma ferramenta de reciprocidade e facilitadora de encontros empáticos. Ou seja, tem total poder e capacidade de reunir e conectar indivíduos de todo lugar, com o objetivo de facilitar debates, ajudas, compartilhamento de informações e histórias em comum, gerando o sentimento de pertencimento. Ela atenua a formação de redes de contatos e pessoas dispostas a ajudar a outras, contribuindo contra o efeito que as grandes mídias tradicionais causam ao padronizar certo comportamento estético e social, distinguido como “correto”. É inegável que a internet tenha muitos pontos negativos, no entanto, pode ser um espaço acolhedor, no qual proporciona encontros, aprendizados e compartilhamentos de informações de forma clara, democrática e representativa.

PARTE 2

METODOLOGIA

Junto aos conceitos estudados, o projeto teve como base as experiências vivenciadas com as oficinas “Kintsugi” e “Novos Olhares Sobre o Feminino Através da Colagem.” A partir destas, pude entender as reais necessidades das participantes, além de conseguir idealizar o conceito e as práticas por trás do projeto.

Neste momento, compartilho a minha experiência pessoal com a colagem e como a utilizo em minha vida pessoal e profissional. Faço uma análise sobre como as colagens que produzo carregam a minha personalidade e são capazes de transmitir o momento em que me encontro atualmente.

Além disso, esta parte contém a minha experiência junto a internet e as pessoas que me seguem pela rede social *Instagram*. Compartilho como esta ferramenta faz com que o meu trabalho se desterritorialize e alcance pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo.

Por fim, com depoimentos das próprias participantes, demonstro como a colagem pode ser uma forte ferramenta de autoexpressão e conhecimento, capaz de criar resultados que se perpetuam para além do momento da oficina.





CAPÍTULO 4

NOVOS OLHARES SOBRE O FEMININO ATRAVÉS DA COLAGEM

Penso que a colagem sempre esteve ligada a mim uma vez que tudo o que tinha cara de urbano e moderno me chamava a atenção. A estética da rua me encantava e eu sempre soube que gostaria de trabalhar ou fazer parte de um grande centro urbano, cheio de luzes, pessoas, confusões, dinheiro, barulho, moda e modernização. Acredito que escolhi a faculdade de Design por esse fator. Sempre gostei do universo artístico e do que não fosse tradicional. Na época, design ainda não era uma profissão tão comum como Publicidade e Comunicação. Mesmo assim achava que ser uma grande Designer era algo admirável, cool³⁰ e moderno.

Quando entrei para a faculdade um novo mundo se abriu. Pessoas de todos os tipos e vidas completamente diferentes da minha apareciam na minha frente o tempo inteiro. Percebi que sai da bolha e que encontrei gente que se identificava com o que eu pensava e que eram muito mais transgressores do que eu achava que era. A faculdade foi o período mais feliz que tive em minha vida. Foi uma fase de conhecimento e libertação de tudo que me prendia e me castrava. Me deslumbrava com pessoas cada vez mais diferentes de mim que me acrescentavam experiências e aprendizados de alguma forma.

Trabalhava com colagem nos meus trabalhos da faculdade mesmo sem querer. Quando via, ela já estava fazendo parte de algum poster ou identidade visual. Fiz estágio com estamparia durante um ano por ser uma das áreas mais artísticas dentro do Design. A estampa não deixa de ser uma obra de arte inteira ou até mesmo uma colagem. Depois desse estágio fui para Espanha fazer intercâmbio de um ano pelo Ciências Sem Fronteiras³¹. Entrei na Faculdade de

³⁰ Cool é um adjetivo na língua inglesa e que significa "legal", na tradução literal para o português. Este termo é utilizado em um contexto informal, como uma gíria para qualificar algo ou alguém como "radical", "calmo", "descolado" ou "tranquilo", por exemplo.

³¹ Ciências Sem Fronteiras foi um programa de pesquisa criado em 26 de julho de 2011 pelo governo Dilma Rousseff para incentivar a formação acadêmica no exterior, oferecendo bolsas de iniciação científica e incentivando projetos científicos em universidades de excelência em outros países.

³² *Afropunk* refere-se a participação de negros no cenário punk e alternativo. O movimento é minoria na cultura punk americana, mas não se pode negar a sua grandeza em muitas partes do mundo como em regiões da África, o que faz dos *Afropunks* uma referência cultural, musical e comportamental.

³³ *Styling* é uma maneira de combinar roupas e acessórios, exibindo-os do modo mais atraente ou desejável possível, para que sejam vendidos. Isso pode incluir, por exemplo, a escolha de acessórios para complementar e combinar com um vestido.

Belas Artes de Vigo, que ficava em uma micro cidade na Galícia, localizada no noroeste da Espanha, chamada Pontevedra. Com o meu encantamento por grandes centros urbanos, foi muito complicado me identificar e até mesmo gostar do lugar que morava. Foi uma época complicada, porém importante, na qual tive que aprender a conviver comigo mesma, morar sozinha e conhecer um lugar novo sem meus amigos e família por perto (pessoas que sempre me deram e passam segurança).

A faculdade me proporcionou uma visão e entendimento maior sobre arte. Tive aulas de expressão artística, pintura, desenho, modelo vivo, gravura e história da arte. No último semestre, cursei uma matéria a qual mexia com programas de Design e foi aí que tudo começou. Tínhamos que escolher um tema, fazer um trabalho artístico e uma revista sobre ele. Escolhi falar sobre o empoderamento da mulher negra junto ao movimento *AfroPunk*³². O trabalho artístico seriam colagens com intervenções em serigrafia. A faculdade tinha um ótimo laboratório de gravura, o que facilitava qualquer tipo de processo de impressão.

Em Pontevedra, podia contar nos dedos quantas mulheres negras existiam a minha volta. Eram pouquíssimas e não faziam parte do meu grupo social, uma vez que ficava sem graça de pedir que fotografassem para mim sem nem conhecê-las. Então, decidi fazer as fotos no Brasil, com minhas próprias amigas. Pedi para uma amiga fotografar e um amigo nos ajudou com o styling³³ de todas as modelos, levando brincos e roupas coloridas.

As fotos ficaram incríveis e o resultado também. Este trabalho me rendeu muito mais do que uma boa nota. Considero-o como um dos projetos pessoais mais importantes e satisfatórios que já fiz. Encontrei feministas e artistas negras que fizeram um grande diferencial de como eu pensava o feminismo antigamente. Hoje enxergo que é preciso entender o feminismo negro para dar o primeiro passo a se pensar sobre o feminismo em geral.

Quando voltei do intercâmbio, comecei a fazer colagens de uma maneira mais descompromissada e quando me dei conta estava começando a me aceitar e profissionalizar como colagista. Descobri que as colagens poderiam ser uma



Figura 11. Poster "Cor" da série *Afropunk*, com intervenções em serigrafia, 2016.

Figura 12. Poster "Preta" da série *Afropunk*, com intervenções em serigrafia, 2016.

Figura 13. Poster "Grl Pwr" da série *Afropunk*, com intervenções em serigrafia, 2016.

Figura 14. Poster "Afro" da série *Afropunk*, com intervenções em serigrafia, 2016.



ferramenta potente de autoconhecimento, expressão e cura. Com a quantidade de material que fui produzindo, percebi uma identidade que se repetia e se formava.

Não gosto de usar muito a tesoura ou de deixar as imagens perfeitamente recortadas. Para mim, rasgá-las (e deixar aparente que foram rasgadas) era uma parte importante para o meu processo de criação. Tal técnica acabou sendo um diferencial do meu trabalho ao ponto de pessoas reconhecerem que certa colagem poderia ser minha só por causa desse detalhe.

Outra característica que coloco em minhas colagens são elementos da natureza junto a mulher protagonista. Sempre gostei de trabalhar com plantas (principalmente por causa do tempo que trabalhei com estampas) e, além de serem ótimos elementos estéticos devido às suas cores, texturas e formas, possuem um significado especial por si só e que gosto de aplicar em meus projetos.

Além de muitas plantas se parecerem com o órgão reprodutor feminino, a ligação da mulher com a natureza é falada desde muito tempo, como, por exemplo a relação das curandeiras consideradas grandes “bruxas”, ou seja, mulheres que tinham o conhecimento dos elementos da terra e como eles poderiam ajudar a humanidade.

Na medida em que postava minhas colagens no *Instagram*, recebi o retorno de pessoas e participei de algumas feiras de arte independente, o que me rendeu uma grande quantidade de novos contatos e seguidores. Para mim, o *Instagram* tem sido a melhor rede social para divulgar trabalhos, criar redes e conhecer outros artistas. Além disso, consigo ver qual colagem fez mais sucesso entre certo tipo de público e, dessa forma, consigo divulgá-la e comercializá-la melhor.

Em Janeiro de 2018, recebi o convite para gravar um vídeo falando sobre o meu processo criativo com a colagem para o *Youtuber*³⁴ Igor Saringer. O vídeo alcançou cerca de 27.000 visualizações e teve 270 comentários na rede social. Além disso, pelo *Instagram*, recebi por volta de 40 mensagens de pessoas do

³⁴ Termo usado para definir um usuário frequente do website de compartilhamento de vídeos YouTube, especialmente alguém que produz e aparece em vídeos no site



Figura 15.
Colagem Digital
Grl Pwr, 2017.



Figura 16.
Colagem Digital
Gabriela, 2017.

Figura 17.
Colagem Manual,
Haight, 2017.

Figura 18.
Colagem Manual,
Flor e Ser, 2017.

Figura 19.
Colagem Manual,
Mina Navalha, 2018.

Figura 20.
Colagem Manual,
Maternidade, 2017.

Figura 21.
Colagem Manual,
Tapioca, 2017.

Figura 22.
Colagem Manual,
Putá, 2017.

Figura 23.
Colagem Manual,
Angola, 2017.



Brasil inteiro que me enviaram colagens feitas em suas casas, dizendo-se inspiradas em meu trabalho. Com essa experiência, meu uso das redes sociais ficou mais potente na medida em que enxerguei como podem vir a ser fortes ferramentas de comunicação, acolhimento e divulgação de um trabalho.

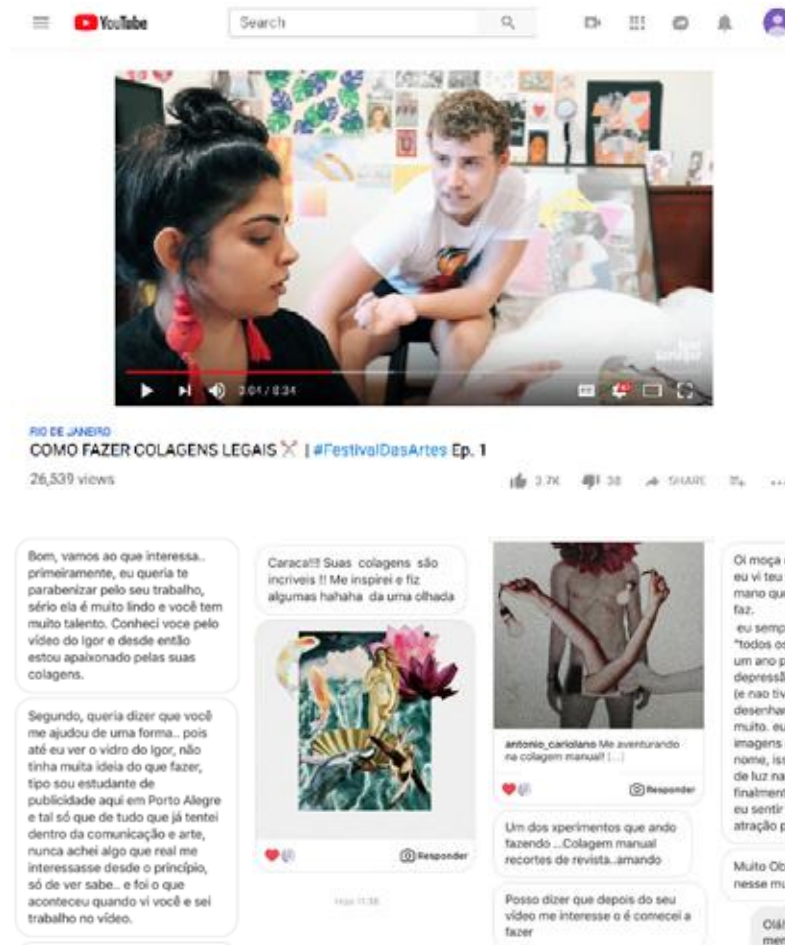


Figura 24.
Captura do vídeo
"Como Fazer Colagens
Legais", do canal do
Youtuber Igor Saringer.

Figuras 25 a 28.
Capturas das mensagens recebida pelo Instagram.
*Os nomes das contas da rede social foram preservados.

4.1 AS OFICINAS

Ainda em Janeiro de 2018, uma amiga fotógrafa me chamou para um projeto muito especial. Junto a uma outra amiga designer e escritora, criamos uma oficina de empoderamento feminino chamada *Kintsugi*. Tal nome vem da técnica japonesa de colar objetos de cerâmica que foram quebrados com uma cola dourada. Eram novos objetos, recolados com uma cola dourada que lhes dava outra história, essência e significado. O nome assemelha-se a técnica da colagem, uma vez que nesta trabalhamos com fragmentos que foram retirados de um contexto e re colocados em outro, adquirindo uma nova interpretação e um novo olhar construído através das mudanças feitas naquela imagem.

O primeiro dia da oficina aconteceu em uma tarde de quarta-feira na Casa Ipanema, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Gessiga Hage, a fotógrafa do projeto, tinha como proposta fotografar partes do corpo que fossem difíceis de serem aceitas pelas participantes. Após isto, faríamos colagens com essas mesmas fotos. Com esta prática, tínhamos como objetivo recriar o olhar das integrantes sobre o seu próprio corpo. No primeiro dia, fizemos uma grande roda de conversa, na qual cada mulher presente contava sobre a relação que tinha com ele. Temas como machismo, feminismo, problemas alimentares, re-



Figuras 29 e 30.
Cerâmicas feitas com a técnica japonesa Kintsugi.

lações, empoderamento, autoestima, aceitação, cuidado, amor e conhecimento vieram a tona. Histórias diferentes eram contadas e o que era inaceitável para algumas, passava despercebido para outras. No segundo dia, fizemos da colagem uma ferramenta final para a concretização da oficina e dos temas debatidos.

Foi impressionante perceber como as mulheres presentes ali saíram com um forte sentimento de pertencimento, autoamor e acolhimento. Nenhuma das 10 mulheres se conheciam e, mesmo assim, conseguiram se abrir e contar seus medos. Esta frase me marcou: “eu não contei isso nem para a minha melhor amiga, é engraçado poder me sentir segura e compartilhar essa história com pessoas que nunca vi na vida”. Participaram mulheres de idades variadas, de 18 a 65 anos. Mulheres que tiveram problemas com a aceitação



Figura 31.
Registro do primeiro dia da Oficina Kintsugi, realizada na Casa Ipanema, RJ.



Figura 32.
Registro do segundo dia da Oficina Kintsugi, onde as participantes criaram as suas colagens baseadas em suas vivências e na roda de conversa realizada no encontro anterior.

ao próprio corpo e com o machismo diário, histórias como dificuldades de se ter um filho ainda adolescente e superações de vida como um emagrecimento de 60 quilos. Todas ali passaram por algo importante e estavam no processo de se autoconhecer e amar.

Figura 33.
Colagem "Toda Boa",
feita por integrante
da Oficina Kintsugi.

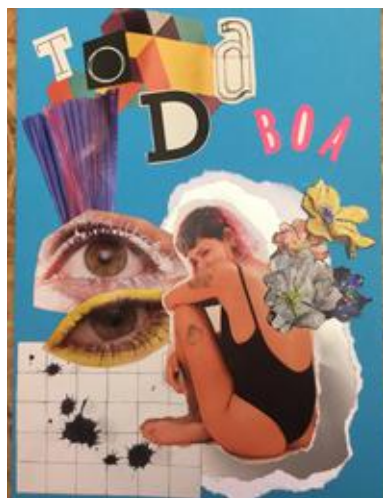


Figura 34.
Colagem "Florida",
feita por integrante
da Oficina Kintsugi.



Figura 35.
Colagem "Close",
feita por integrante
da Oficina Kintsugi.



Figura 36.
Colagem "Escrita",
feita por integrante
da Oficina Kintsugi.



Figura 37.
Colagem "A Força",
feita por integrante
da Oficina Kintsugi.



Em Maio de 2018, fiz outra oficina apenas com mulheres. Como era uma oficina só minha, tive a liberdade de criar um nome e conceito próprios. Ficava nervosa e ansiosa só de pensar como lidar sozinha com outras 10 mulheres que enxergariam em mim um porto seguro para suas questões ou expectativas com a colagem.

Sempre vi a colagem como uma técnica muito livre, sem passo a passo ou teorias. Para mim, é uma ferramenta potente de autoexpressão e uma forma de trabalharmos a nossa intuição. Cada fragmento escolhido tem um porquê e uma função de estar dentro daquele arranjo de imagens. Percebi que as minhas colagens conversavam comigo e representavam bem o momento em que eu estava. Algumas eram fortes e densas enquanto outras eram mais leves e românticas. Quis trazer isso para a oficina e mostrar que, a partir do momento em que modifico meus pensamentos sobre algo, a escolha das minhas imagens também muda. A colagem vira a experiência da sororidade, na qual questões subjetivas sobre o que é o feminino são transmutadas para o papel e questionadas pelas integrantes.

Todas as vagas disponíveis para a oficina foram completadas. Apesar da colagem despertar atenção por ser uma técnica considerada fácil, a maioria das mulheres presentes se inscreveram com o interesse sobre o feminino. Cada vez mais vemos discussões sobre o tema, falas e relatos importantes de mulheres que lidam com o machismo diário ou que já superaram algum trauma causado por esse sistema patriarcal. Importantes escritoras, filósofas e pensadoras feministas ganham destaque nas mídias todos os dias. É um movimento que só cresce e junto a ele a vontade feminina de se inteirar e se fortalecer cada vez mais.

A oficina ganhou o nome de *Novos Olhares Sobre o Feminino Através da Colagem*. Fiz algumas artes interessantes para a divulgação e no dia criei, despretensiosamente, um “kit surpresa” no qual selecionei algumas imagens do meu acervo pessoal. Junto ao kit, coloquei um cartão postal e alguns adesivos de colagens minhas. Percebi o quanto este pequeno gesto fez diferença na minha oficina. As alunas gostaram de ganhar uma recordação e, principalmente, se sentiram incentivadas a continuar a colar em casa. A partir daí começou a surgir a ideia final para o meu Trabalho de Conclusão de Curso.



Figura 38. Sala do Studio Manual, localizado na Rua Buenos Aires, centro do Rio de Janeiro.

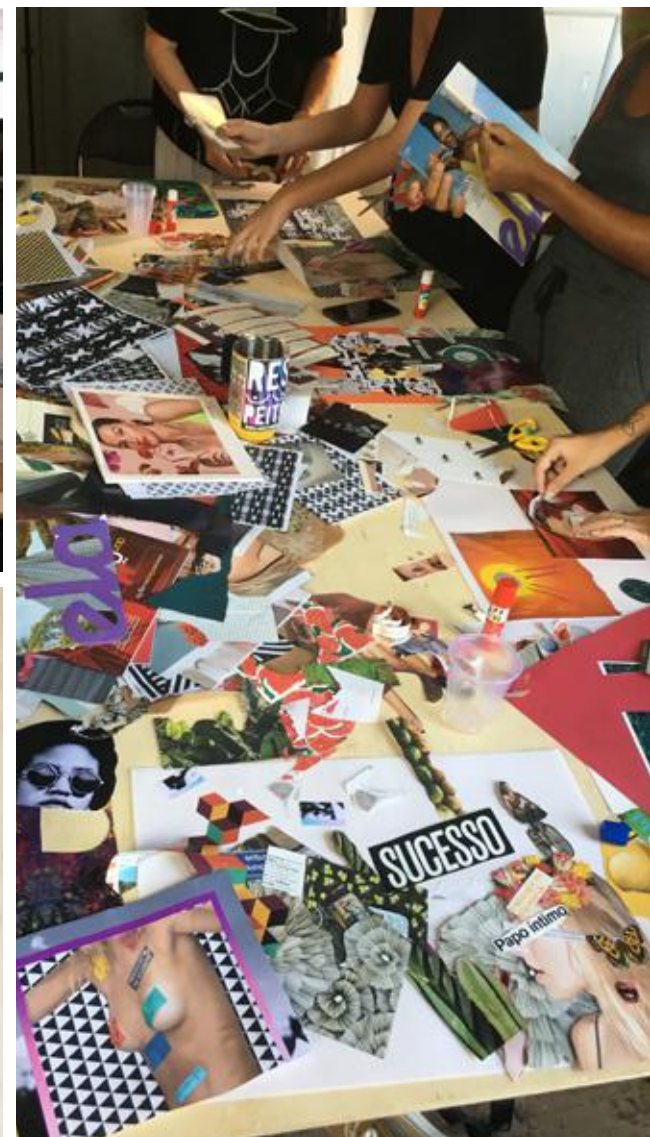


Figura 39. Integrantes fazendo suas colagens.

Figura 40. “Kit-Surpresa”.

Figura 41.
Integrantes
fazendo as
suas colagens.



Comecei me apresentando e dizendo o que foi que me fez criar a oficina. Este momento foi muito especial, pois tinha a missão de conseguir passar tudo o que eu queria e ainda trabalhar o nervosismo. Era também algo pessoal, no qual compartilhava meus medos, minha própria caminhada de aceitar o meu corpo e minhas questões sobre o feminino. Falei sobre a minha relação com a colagem e como a via como uma arte de terapia, autoconhecimento e cura. Deixei bem explicado que a minha oficina era uma roda de conversa e que elas poderiam me interromper a qualquer momento. Muitas se identificaram com o que falo e compartilhavam histórias parecidas com as minhas. Enxerguei a criação de um ambiente empático cheio de escuta e sororidade entre as mulheres ali presentes.

Após este momento, pedi para as alunas se apresentarem. Tentei deixá-las o máximo a vontade que podia e acreditei que criava um ambiente favorável a isto quando expunha meus medos e minhas questões que sabia que tinha em comum com a maioria presente. Os relatos foram emocionantes e cada uma tinha uma história diferente para contar, encorajando as outras na medida em que iam se abrindo. Foi interessante ver o quanto a oficina permitiu a participação de mulheres de todas as idades. Duas participantes de aproximadamente 65 anos contribuíram com as suas sabedorias. Mães que agora gozavam da liberdade de não precisar se preocupar tanto com os filhos ou dos afazeres da casa. Nos alertavam sobre as dificuldades da vida ao mesmo tempo que nos motivavam a continuar com este movimento que infelizmente não foram privilegiadas de participar quando eram mais novas.

Os depoimentos foram seguidos de choros de alegria e de raiva. Uma menina de 20 anos chamada Letícia*, sofria com a sua transição capilar, enquanto Juliana* tentava descobrir como lidar com uma mãe depressiva. Marcia* chorou de raiva quando contou sobre um caso de machismo que sofreu naquela semana. Julia* se descobria uma mulher negra e lutava dentro da faculdade para apresentar um contraponto sobre o sistema carcerário feminino no Brasil. Diferentes mulheres contavam seus relatos e eu via a gratidão em seus olhos ao se sentirem pertencidas e acolhidas naquele grupo.

*todos os nomes foram alterados para manter em segurança a identidade das participantes presentes.

A oficina durou 5 horas, divididas em 2 horas de roda de conversas, 2 horas de produção e 1 hora de explicação e trocas sobre os trabalhos. A auto-identificação com o resultado das colagens foi enorme. Todas se apegaram às suas artes e as guardaram com carinho. Acredito que houve uma passagem de energia corpo-papel a partir do momento em que elas transformaram as suas próprias experiências e pensamentos em criações. As mulheres ressignificaram seus medos através da arte e, assim, como na colagem, adquiriram um novo olhar para si mesmas e construíram uma nova composição para se viver. Recriaram uma nova essência, um novo conceito sobre algo que foi ou ainda era dolorido. Um novo olhar sobre seu corpo, sobre seu próprio feminino e história. Elas eram os fragmentos que foram transmutados e modificados através do recorte de seu próprio olhar, que se modificou no momento em que escolheram participar da oficina.

Após a oficina, recebi mensagens das integrantes, repletas de carinho e gratidão, pelos momentos que este encontro as proporcionou. Alguns textos de agradecimento pela retomada de energia e esperança para enfrentar uma sociedade patriarcal todos os dias e, principalmente, por lembrarem que nunca estarão sozinhas, que suas histórias se confundem e se costuram, e que dessa união é possível nascer conforto, força e resistência.

Figura 42.
Foto do final da Oficina.
Participantes com
as suas colagens
finalizadas.



Alguns depoimentos:

"Eu nunca tinha feito uma colagem, até ter participado da oficina "Novos Olhares Sobre o Feminino" com a colagista Elisa Pessôa. Na oficina, eu não só tive a oportunidade de conhecer um pouco do trabalho de várias colagistas e exercitar algumas técnicas, como também tive o privilégio de fazer tudo isso ao lado de mulheres fortes e admiráveis! No final das contas, não foi "só" uma oficina, porque o que eu tive em retorno foi algo muito maior - a nossa troca me transformou, vi ali, que não estava sozinha e que da nossa união é possível nascer conforto, força e resistência. Em "Novos Olhares Sobre o Feminino", eu me redescobri e me apaixonei. A partir daí, a colagem deu um novo sentido à minha vida e se tornou uma terapia e um forte meio de expressão." (Marcia*, 25 anos)

"Nós agradecemos a sua gentileza e atitude em acreditar em seus sonhos e, principalmente, compartilhar conosco suas experiências e estória!!! Eu fiquei muito emocionada e feliz em fazer parte disso!!! Quero fazer mais ainda!!!" (Larissa*, 35 anos)

"A vida me trouxe para uma oficina de colagem sobre o feminino. de presente ganhei um dia incrível, com mulheres e suas histórias que se confundem com a minha. com a nossa. viva o universo e a arte dos encontros! obrigada @elisapessoa_ por proporcionar tudo isso! trabalho incrível e sensível!" (Míriam*, 25 anos)

"Eu fui muito despretensiosa pro curso achando que iria agregar somente a minha vida como uma profissional criativa, mas me acrescentou muito mais, pude conhecer mulheres fortes e maravilhosas que se apoiam! Muito obrigada." (Letícia*, 20 anos).

"Faz um tempo que ando mergulhando em processos para me autoconhecer. E em meio a eles, tenho experimentado diferentes linguagens para me expressar. Foi assim que cheguei à oficina da Elisa, onde pude compartilhar como me sentia enquanto mulher negra aos olhos de outras pessoas, e transmutar esse sentir em imagens. Confesso que me surpreendi em como a troca foi positiva. A partir desse processo criativo, desenvolvi um poema que fala

muito de quem eu estava sendo naquele momento, e aprendi que às vezes, uma linguagem pode nos afetar tanto que é preciso outra para poder transbordá-la totalmente. Se pudesse compartilhar as verdades que ecoam no meu peito para outras mulheres, desejaria que elas se possibilitassem oportunidades de se auto conhecerem. Acho que esse é um caminho de surpresas e transformações.” (Maria*, 26 anos).

“Minha intenção quando me inscrevi na oficina era 100% profissional, queria desenvolver mais técnicas criativas para que eu pudesse na frente usar no meu trabalho. Porém, quando vivenciei aquela tarde com tantas mulheres fortes e inspiradores vi que era muito mais do que uma aula de colagem, era uma forma de nos expressarmos e nos conectarmos umas coisas as outras. Foi maravilhoso cada segundo que passei com elas, e faria mil vezes mais, porque tive a oportunidade de conhece-las um pouquinho, e o mais importante me conhecer. É uma atividade relaxante e divertida que recomendo, não só em grupo mas sozinha, tentar se expressar através do recorte e colagem. Elisa conseguiu passar para nós um pedacinho da sua paixão e nos motivou a buscar a nossa.” (Juliana*, 20 anos).

“Mais que um trabalho, um encontro. Mais que um encontro, um trabalho lindo, cuidado, competente e afetivo. Somos mulheres, somos parceiras e vamos à luta!” (Carla*, 60 anos).

“ Nas aulas da Elisa pude deixar algumas coisas que me apertavam, mesmo sem falar. Eu me senti incluída e entendi que não estava sozinha. Lá, tive a certeza da minha paixão por Comunicação Visual e por colagem (mesmo que ainda não consiga fazer no dia-a-dia). Entendi que tudo depende do olhar que damos às coisas e que colagem/arte é nossa alma produzindo, incendiando e expelindo emoções. Até percebi que voltava um pouco mais feminista de cada encontro, cheia de vontade de ler, de pesquisar, de ajudar. Também voltava um pouco mais astróloga, apesar de ainda não entender metade do meu mapa astral. Voltava mais esotérica, mais pagã, mais cheia de fé e positividade (não que ela durasse por muito tempo, mas seguimos tentando e entendi que é isso que importa). Todas as aulas foram de inclusão, de respeito a fala da outra, de entrosamento, de troca que, minha deusa, eu já estou louca para a próxima.



Figura 43.
Colagem “Amor”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

Figura 44.
Colagem “Ela”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

Figura 45.
Colagem “Art”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

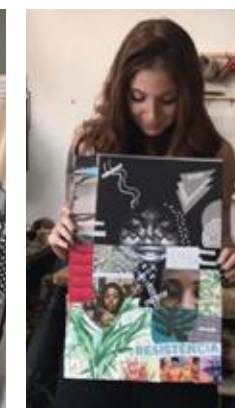
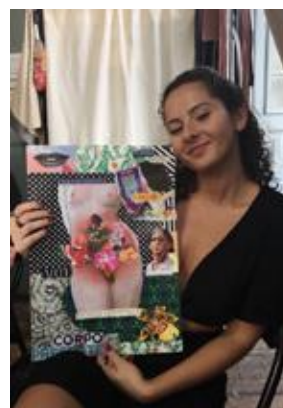


Figura 46.
Colagem “Flor e Ser”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

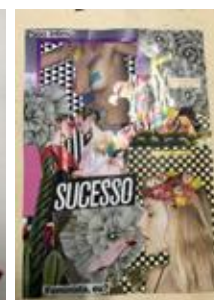
Figura 47.
Colagem “Força”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

Figura 37.
Colagem “Resistência”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

Figura 48.
Colagem “Estranha”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

Figura 49.
Colagem “Sucesso”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.

Figura 50.
Colagem “Resistência”,
feita por integrante
da Novos Olhares
Sobre o Feminino
Através da Colagem.



Além disso, nas duas aulas de colagens, de datas totalmente diferentes, eu trabalhei em uma única colagem. Obviamente fiquei triste com isso no início, mas acredite, até sobre essa questão conversamos na ocasião. Desses encontros posso dizer que aprendi, doe, encontrei e resgatei tantas coisas que pude colar alguns pedaços que deixara cair com dores passadas. Se pudéssemos passar por esse tipo de colagem a cada etapa de luta e glória em nossas vidas, de fato uma hora perceberemos as coisas que valem a penas para nos sentirmos inteiras. Sendo assim, agradeço as mulheres desses encontros e, principalmente a Elisa, que se permitiram compartilhar suas experimentações e fragilidades, que deixaram um pouco de si em cada um desses encontros e por me permitirem essa experiência de me reencontrar em partes e dessas partes em encontrar em outras tantas mulheres.” (Ana*, 23 anos).

*todos os nomes foram alterados para manter em segurança a identidade das participantes presentes.

As oficinas foram essenciais para que eu entendesse como seria o meu processo de Trabalho de Conclusão de Curso. Com elas tive a oportunidade de adentrar mais ainda no universo feminino, escutando e acolhendo mulheres de diferentes idades, corpos, histórias e essências. Tais encontros acabaram servindo como estudos práticos sobre o que eu queria abordar em meu projeto, diante da reação de cada participante durante as oficinas. No final todas as mulheres saíram satisfeitas não só com o processo em si, mas principalmente com elas mesmas. As participantes sentiram-se pertencidas e acolhidas, diante de uma sociedade patriarcal que as deixa não só distantes uma das outras mas também de quem são de verdade.

PARTE 3

RESULTADOS

O resultado deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) resultou na criação da oficina Auto•Recorte e de um material impresso, que incentiva as participantes do projeto a continuarem a fazer colagens de forma autônoma.



A partir das oficinas *Kintsugi* e *Novos Olhares Sobre o Feminino Através da Colagem* pude criar este projeto autoral, o qual baseia-se em encontros práticos com o objetivo de fazer um resgate ao feminino, onde trabalho com as integrantes questões sobre aceitação, acolhimento, pertencimento e vivências. Acredito que a colagem vai muito além de teorias ou técnicas próprias, além de possuir um grande potencial de auto expressão, conhecimento e cura. No final, ela acaba sendo um meio no qual as participantes manifestam tudo o que é dito e realizado neste dia. Tomadas pela emoção do tema, as participantes criam colagens fortes e expressivas com história, essência, conceito e estética próprias.

Além disso, o *Instagram* do projeto servirá como uma plataforma on-line para informações sobre as próximas oficinas, conteúdos sobre feminismo, arte e autoconhecimento. Também será uma ferramenta para a divulgação de artistas colagistas brasileiras e entrevistas com mulheres inspiradoras. Acredito que o *Instagram* é um recurso potente para encontros em redes, os quais possuem a capacidade de promover sensações de pertencimento e acolhimento, além de promover trocas on-line e divulgação de conteúdos interessantes.

Para esta nova fase da oficina, pensei em um material que tem como objetivo incentivar as participantes a continuarem o projeto de colagem e autoconhecimento em casa. Quis “incrementar” o “*kit*” entregue em minha última oficina, uma vez que, para minha surpresa, teve um grande valor afetivo entre as integrantes, já que levaram para casa uma lembrança sobre como tinha sido aquele dia especial. Tenho em mente a ideia de que o material seja vendido on-line para pessoas que não podem e tem vontade de fazer a minha oficina. Gostaria de enviá-lo para todo o Brasil e receber de volta as colagens feitas em casa, como forma de alimentar o *Instagram* e a rede formada pelo projeto.

5.1. O PROJETO GRÁFICO

Para a criação do design gráfico do projeto, desde o logo até o universo visual, quis trazer para o conceito a ideia de contraste, diferenças e opostos. Esta ideia está ligada ao fato de que existem diversos tipos de mulheres, com seus corpos e essências próprias. Logo, quis que a ideia de pertencimento estivesse presente não só no conceito do trabalho, mas também na sua forma estética.



Figura 52.
Folder “Redes de Afeto”.

5.1.1. LOGO

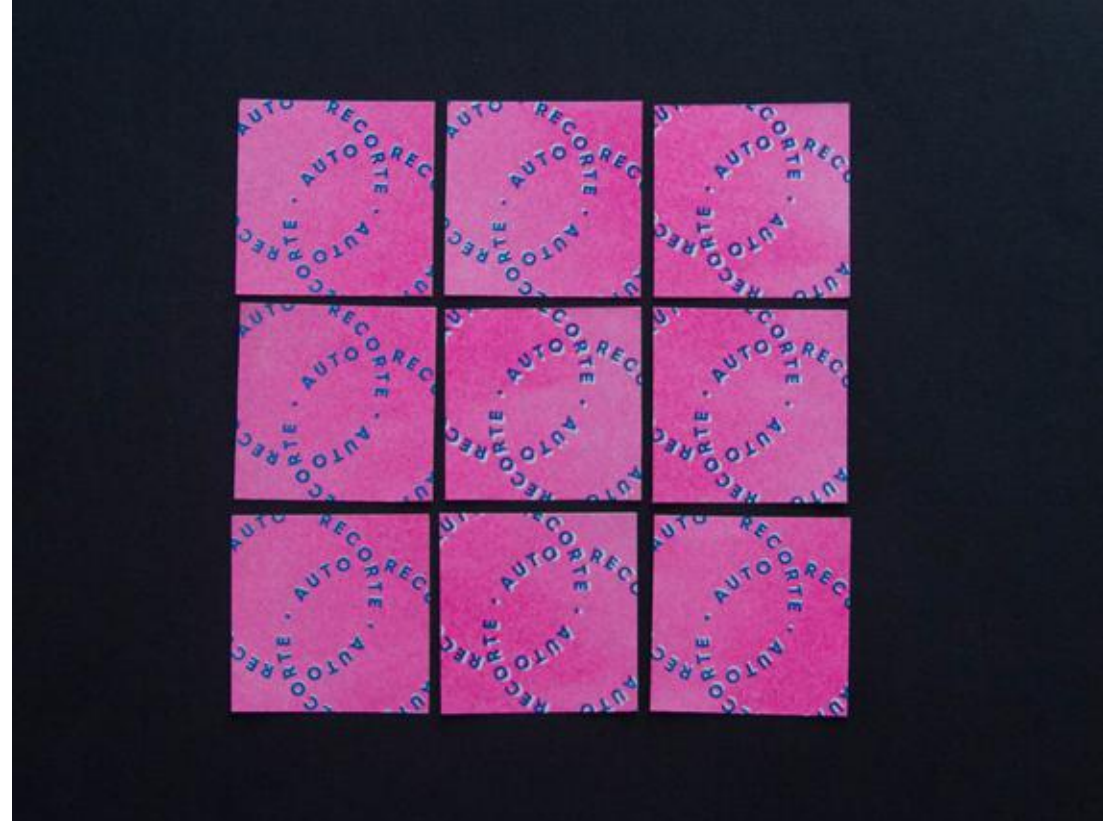
Como na oficina as participantes sentam em rodas e ficam de frente umas as outras, compartilhando seus medos, inseguranças e confidências, pensei que o logo do projeto deveria remeter a ideia de círculos. Além disso, há uma repetição dos elementos gráficos, passando a ideia de conjuntos que formam redes cada vez maiores.

Figura 53.
Logo.



Figuras 54 e 55.

Fotos que mostram como a repetição do logo dá a noção de rede, continuidade, conjunto e integração.



5.1.2. TIPOGRAFIA

Para o projeto, quis usar duas tipografias que fossem opostas esteticamente, passando uma ideia de contraste e diferenças. Foram escolhidas as famílias das fontes Orator Std e Gilroy. A primeira é semelhante a uma fonte de internet, simples e fina, com todas as letras em caixa alta, sem serifa e com um grande espaçamento entre as letras. Já a Gilroy, usada em sua versão bold, foi escolhida para contrastar com o minimalismo da Orator, com características de uma fonte moderna, também sem serifas e utilizada em caixa alta.

GILROY EXTRA BOLD

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
1234567890 .,<>?/!"":;(){}[]\!@#\$\$%^&*

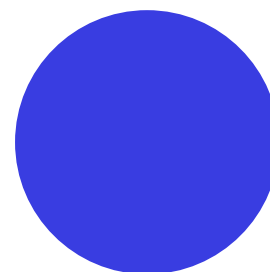
ORATOR STD

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
1234567890 .,<>?/!'":;(){}[]\!@#/\$%^&*

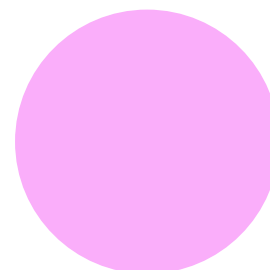
5.1.3. PALETA DE COR

Com a ideia de trazer para o projeto o conceito de diferenças, pensei em duas cores principais para a paleta de cor: azul e rosa. Quis trazer para o projeto a questão de que essas cores sempre estiveram ligadas a uma concepção de gênero, sendo estabelecido que azul é cor de menino e rosa é cor de menina. Desse modo, trouxe as duas cores com a ideia de que se misturassem e

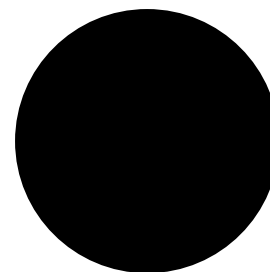
percam esse significado, passando a ideia de que são apenas cores e que não precisam estar ligadas a nenhum estereótipo de gênero. Como cores complementares ao projeto, escolhi usar o preto e branco, uma vez que são cores neutras e opostas, servindo para contrastar o logo e elementos gráficos complementares do projeto.



R: 72 G: 85 B: 165
C: 89 M: 226 Y: 177 K: 210
PANTONE: 2736 C



R: 245 G: 169 B: 228
C: 08 M: 35 Y: 0 K: 0
PANTONE: 0521 C



R: 0 G: 0 B: 0
C: 0 M: 0 Y: 0 K: 100
PANTONE: BLACK C

5.1.4. UNIVERSO VISUAL

Para criar o universo visual, segui por dois caminhos. O primeiro foi selecionar imagens do meu acervo pessoal que me chamavam atenção, ou seja, usando o que chamo de intuição. Quis trabalhar com diferentes texturas e formas, a fim de remeter aos diferentes tipos de corpos e essências de mulheres. Também separei figuras femininas para ilustrar o projeto, como por exemplo uma imagem de duas mulheres se abraçando, o que remete a conceitos como acolhimento, sororidade, amizade e pertencimento.

Figuras 56 a 59. Sketchbook com imagens do meu acervo pessoal que formaram o universo visual do projeto.



O segundo caminho foi criar elementos gráficos a partir das formas que fazem os contornos dos papéis rasgados/recortados. Por cima de um papel manteiga, marquei esses contornos com uma caneta, com o intuito de trazer para o projeto o conceito de caminhos, recortes e rupturas.

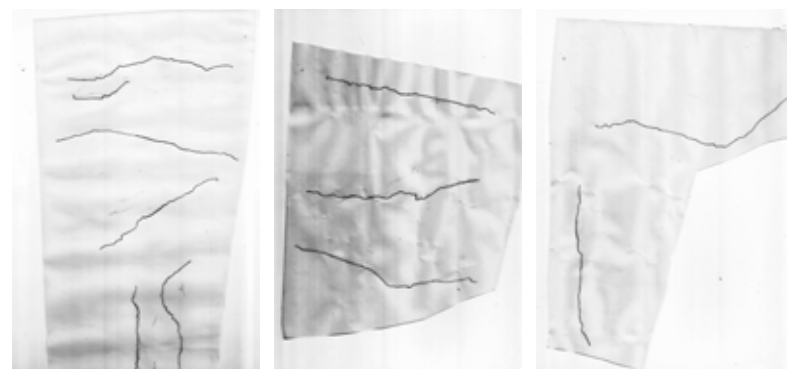


Figura 60 a 62. Elementos gráficos formados a partir dos recortes de papel.



Figura 63. Simulação digital de como foram feitos os riscos.

Figura 64.
Universo Visual
do Projeto.



5.2. O KIT

Além de ser uma lembrança para as participantes da oficina, o *Kit* também foi pensado para levar um pouco do que é essa experiência para pessoas que não podem participar dela. Dessa forma, mapeei o que acontecia nesses encontros e procurei transformar essas situações em um material gráfico. Nas duas oficinas, três comportamentos relevantes se repetiam: compras de prints com colagens minhas, trocas de sites ou contas do *Instagram* com conteúdos relevantes sobre feminismo e autoconhecimento e a exibição de artistas colagistas como referências, antes das participantes começarem as colagens. Dessa forma, fazem parte do *kit* um poster em A3 de uma colagem autoral minha, um *folder* com uma listagem de contas do *Instagram* que vão desde política até sexualidade com foco em mulheres e um zine com artes e informações sobre colagistas brasileiras.

Em seguida, criei mais duas artes gráficas com a finalidade de passar mensagens de apoio e sororidade. Dentro do material, coloquei papéis soltos com frases como “você não está sozinha” e “o meu diferente é o mesmo que o seu”. Também transformei as colagens feitas pelas participantes das últimas oficinas em cartões postais que serão entregues às próximas pessoas que adquirirem o material. Nos versos dos cartões, estão mensagens sobre como foi essa experiência para elas como forma de incentivo e trocas de vivências entre mulheres que não se conhecem, mas que estão se presenteando de alguma maneira.

Por último, porém não menos importante, agreguei a isso um pequeno saco ziplock com imagens selecionadas de meu acervo pessoal. Este contém a ideia do “mini-kit” que foi entregue em minha última oficina e que serviu como ideia para a criação deste material final. A frase “Siga a sua Intuição” foi estampada com serigrafia na parte da frente, uma vez que, na oficina, falo como construo as minhas colagens junto a minha própria intuição, que nada mais é que saber qual imagem me chama mais atenção e que quero trabalhar naquele momento. Como faz parte do projeto o conceito de que a colagem é uma forma de autoexpressão, acredito que selecionamos figuras que conversam mais com cada uma e com o que podem querer transmitir, acontece uma manifestação da mente e dos sentimentos, ou seja, da intuição de cada uma.

O material gráfico foi impresso em risografia, um método de impressão feito através de um estêncil perfurado, semelhante à serigrafia. Além disso, é um processo sustentável já que a tinta é à base de soja e a master é fibra vegetal, consumindo pouca energia. Penso que, infelizmente, o valor de materiais impressos está cada vez menor diante dos inúmeros meios digitais. Logo, sendo um meio de impressão especial e atípico, acredito que a risografia agregue mais ainda ao projeto, gerando um interesse maior de compra deste material. Além disso, como grande parte do projeto foi pensada através de meios digitais, quis trazer algo mais palpável para equilibrar os meios de divulgação da oficina.

Figuras 65 e 66.
Kits montados.



5.2.1. POSTER

Como a maior parte das participantes da minha oficina já conhecia e adquiria o meu trabalho com colagens, escolhi para entrar no *Kit*, a minha colagem autoral "maternidade", uma vez que a imagem principal transmite significados como acolhimento, pertencimento, apoio e amor.

Figura 67. Poster A3 Impresso em Risografia.



5.2.2. ZINE

Após a roda de conversa que faço no início da oficina, costumo apresentar para as participantes um PDF com referências de artistas colagistas brasileiras. Percebi que a grande maioria escrevia os nomes das artistas e perguntava se eu poderia passar o material por e-mail. Então, selecionei 5 colagistas brasileiras que trabalham com temáticas com o feminino e criei um zine, apresentando-as e colocando seus sites e/ou *Instagrams*. Fazem parte do zine as artistas Ingrid Bittar, Manuela Eichner, Domitila de Paulo, Helena Schmidt e Mariana Valente.



Figura 68.
Capa da Zine "Colagistas Brasileiras".



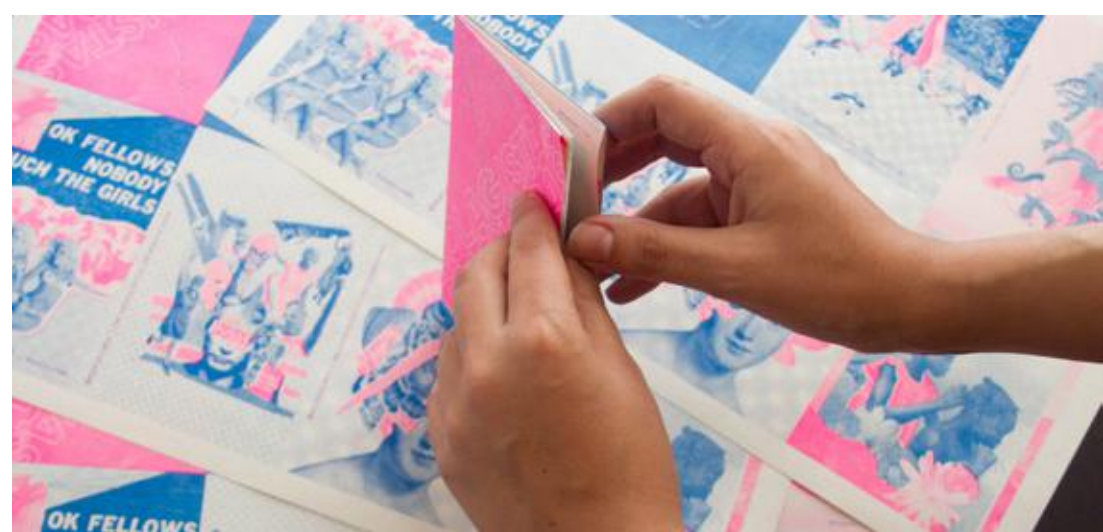
Figuras 69 e 70.
Zine "Colagistas Brasileiras".



Figura 71.
Contracapa do Zine "Colagistas Brasileiras".

O zine foi pensado para ser impresso em uma folha A3, de forma que haja o maior aproveitamento de papel possível. Logo, foram feitas dobraduras e um corte no meio, para que ele pudesse ser fechado.

No verso da folha A3 está um texto que criei com o intuito de transmitir o que sinto sobre a oficina Auto•Recorte. Escrevo sobre o que é a minha relação com a colagem, que vai desde a minha intuição até o processo de trabalhar com mulheres. O texto possui características informais, uma vez que foi escrito de uma forma solta, sem preocupação com pontuações ou até mesmo que fizesse muito sentido. Sendo algo muito pessoal, acredito que cada pessoa pode ler e interpretar de sua própria maneira.



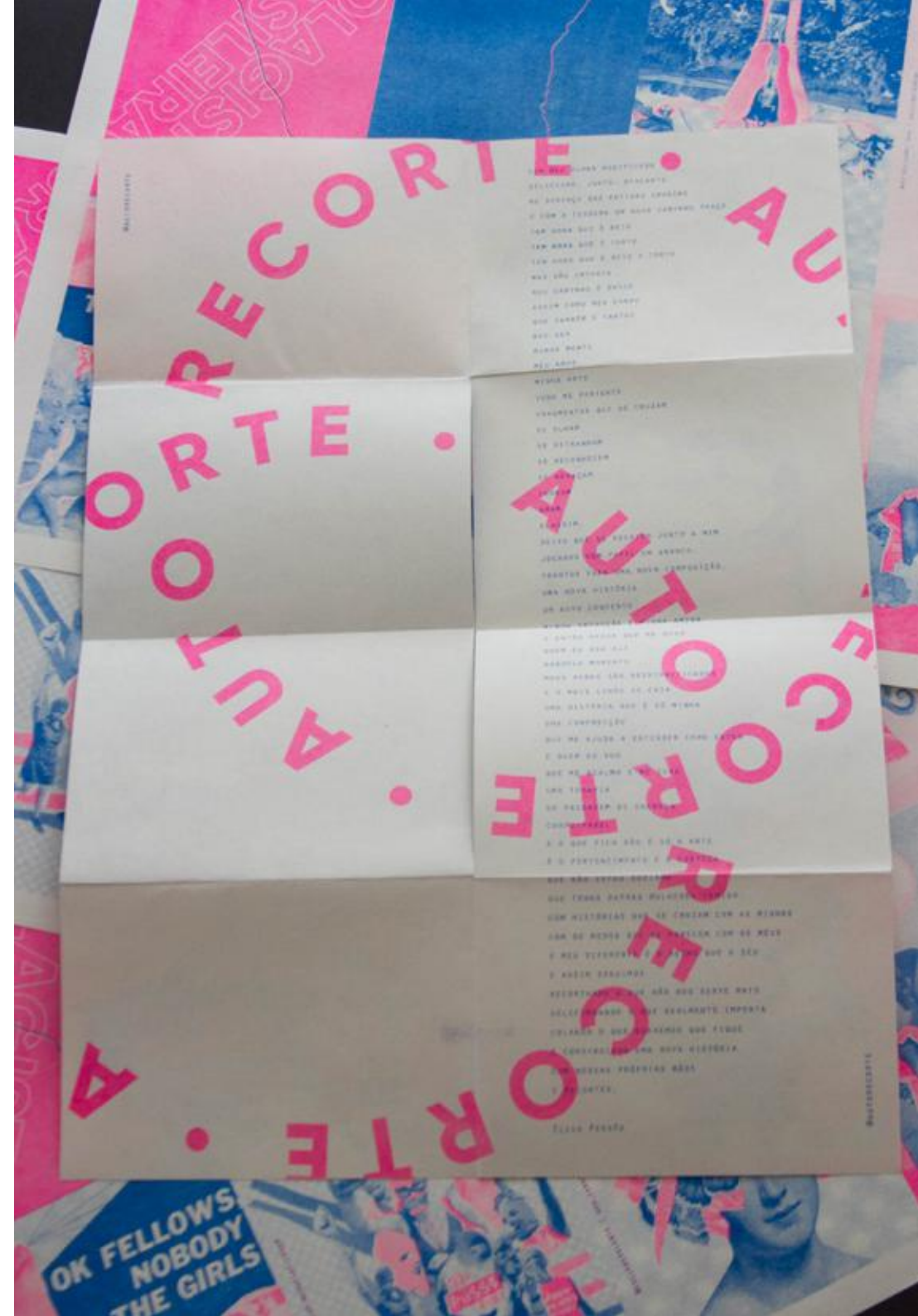
Figuras 72 a 75.
Detalhes do Zine
"Colagistas Brasileiras".

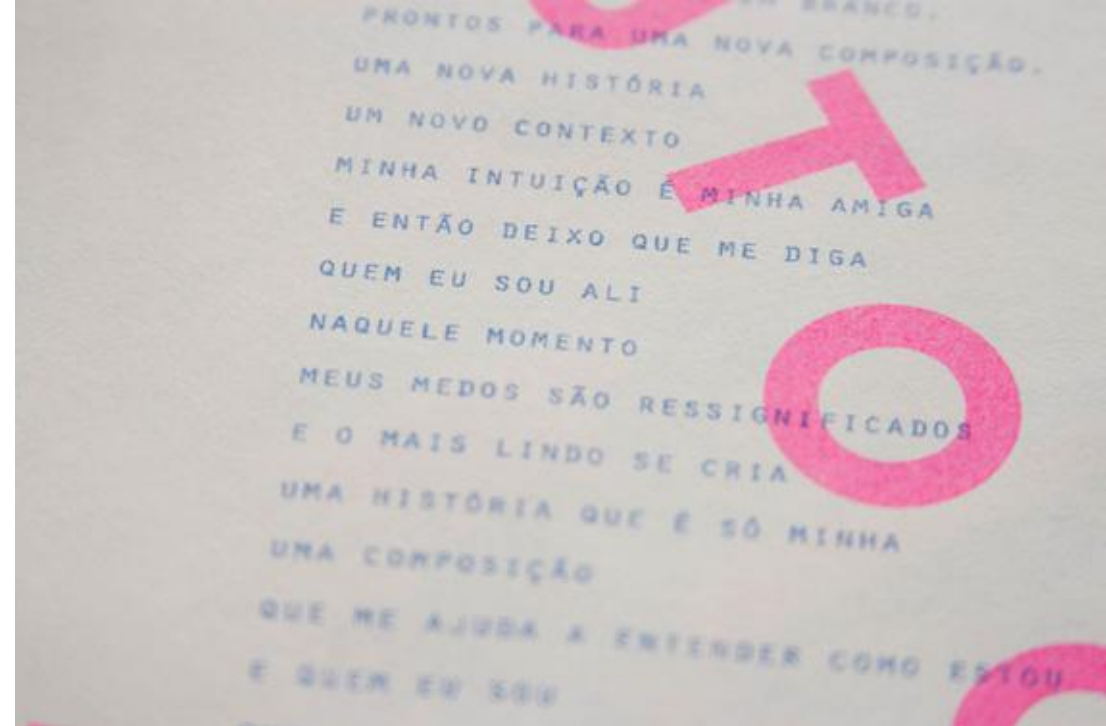
"Auto•Recorte

com meu olhar modificado
seleciono, junto, descarto
me desfaço das antigas imagens
e com a tesoura um novo caminho traço
tem hora que é reto
tem hora que é torto
tem hora que é reto e torto
mas não importa
meu caminho é único
assim como meu corpo
que também é tantos
meu ser
minha mente
meu amor
minha arte
tudo me pertence
fragmentos que se cruzam
se olham
se estranham
se reconhecem
se abraçam
choram
amam
e assim,
deixo que se recriem junto a mim
jogados num papel em branco,
prontos para uma nova composição,
uma nova história
um novo contexto

minha intuição é minha amiga
e então deixo que me diga
quem eu sou ali
naquele momento
meus medos são ressignificados
e o mais lindo se cria
uma história que é só minha
uma composição
que me ajuda a entender como estou
e quem eu sou
que me acalma e me cura
uma terapia
ou passagem de energia
corpo-papel
e o que fica não é só a arte
é o pertencimento e a certeza
que não estou sozinha
que tenho outras mulheres comigo
com histórias que se cruzam com as minhas
com os medos que se parecem com os meus
o meu diferente é o mesmo que o seu
e assim seguimos
recortando o que não nos serve mais
selecionando o que realmente importa
colando o que queremos que fique
e construindo uma nova história
com nossas próprias mãos
e recortes."

Figura 76.
O verso do Zine se transforma
em um poster A3 com o
texto "Auto • Recorte".





Figuras 77 a 79.
Detalhes do poster A3.

5.2.3. REDES DE AFETO

“Redes de Afeto” é um material inspirado na minha relação com a rede social *Instagram* e com os “encontros virtuais” que tenho a partir dela. Digo “encontros” uma vez que esta ferramenta me proporciona uma quantidade enorme de perfis com ótimos conteúdos, que vão desde política a sexualidade para mulheres. Além de aprendizados, sensações de acolhimento e pertencimento são despertadas em mim no momento em que encontro histórias semelhantes com a minha e pessoas com interesses parecidos com os meus.

³⁹ Folder é uma palavra em inglês que pode significar folheto ou brochura.

O *folder*³⁹ contém perfis da rede social a partir de uma vivência própria e dos meus interesses. Nas oficinas, era comum que tanto eu como as participantes trocássemos ou citássemos contas que nos interessavam no *Instagram*. Deste modo, achei que seria interessante reunir perfis que possam ajudar de alguma forma as mulheres que adquirirem o material do Projeto.



Figura 80. Folders “Redes de Afeto”.



Figura 81 e 82. Parte interior do Folder “Redes de Afeto”.

5.2.4. USE A SUA INTUIÇÃO.

³⁷ Sacos plásticos com fechos herméticos.

Para finalizar o material, junta-se a isso um pequeno saco de plástico ziplock³⁷ com imagens selecionadas de meu acervo pessoal. Este contém a ideia do “mini-kit”, que foi entregue em minha última oficina e que serviu como ideia para a criação deste material final. A frase “use a sua Intuição” foi estampada com serigrafia na parte da frente, uma vez que, na oficina, falo como construo as minhas colagens junto a minha própria intuição, que nada mais é que saber qual imagem me chama mais atenção e que quero trabalhar naquele momento.



Figuras 83 e 84.
Material “Use a Sua Intuição”.



5.2.5. CARTÕES

Figura 85.
Cartões "você não está sozinha" e "o meu diferente é o mesmo que o seu".

Figuras 86 e 87.
Cartões postais com colagens feitas pelas participantes.

Criei duas artes gráficas com frases como "você não está sozinha" e "o meu diferente é o mesmo que o seu". Além de terem a finalidade de passar mensagens de apoio e sororidade para as participantes, possuem um tamanho pequeno, com a ideia de serem colocados em lugares práticos e fáceis (como por ex, atrás do celular ou na carteira) para que sejam sempre vistos e sirvam de lembretes diários para as participantes.

Além disso, transformei as colagens feitas pelas participantes das últimas oficinas em cartões postais que serão entregues às próximas pessoas que adquirirem o material. Nos versos dos cartões, estão mensagens sobre como foi essa experiência para elas como forma de incentivo e trocas de vivências entre mulheres que não se conhecem, mas que estão se presenteando de alguma maneira.





Figura 88. Cartão postal com colagem da participante da Oficina Kintsugi, Ana Rafaella.



Figura 89. Cartão postal com colagem da participante da Oficina Novos Olhares Sobre Feminino Através da Colagem, Mariana.

Para acrescentar na divulgação do projeto, criei um cartão de visita para a oficina, com o e-mail para contato e o nome da conta do *Instagram* com o intuito de distribuí-lo em outros lugares que não sejam as minhas oficinas.



Figura 90.
Frente dos cartões
de visita da Oficina
Auto•Recorte.

Figura 91.
Frente e verso do
cartão de visita da
Oficina Auto•Recorte.

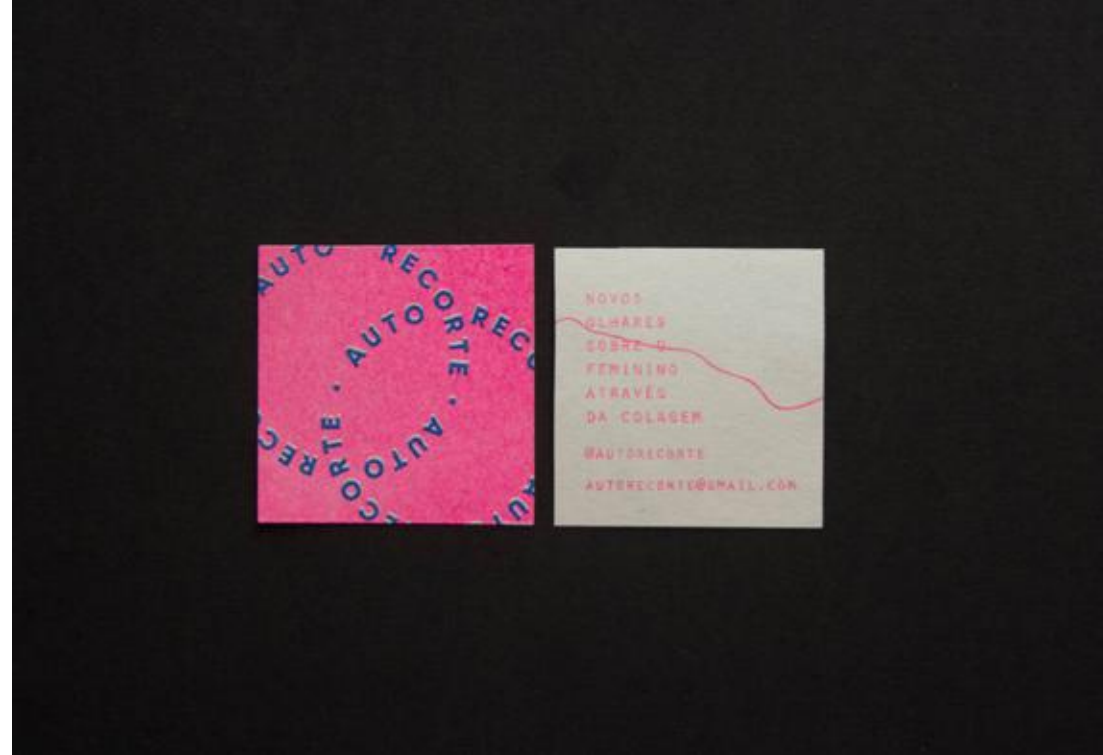


Figura 92.
Detalhes do
cartão de visita
Oficina Auto•Recorte.

CONCLUSÃO

Além de adentrar sobre a técnica da *collage* e seus princípios, este trabalho fez com que eu aprofundasse mais ainda o olhar sobre minhas criações com a colagem. Enxergo nela uma forte ferramenta de autoexpressão, no momento em que transfiro para o papel o que estou sentindo e o que quero trabalhar naquele instante. A colagem me ajuda a ressignificar sentimentos, a me entender e a me fortalecer como mulher, designer e artista.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi extremamente pessoal e profundo, uma vez que, junto a outras mulheres, pude compreender que nossas histórias se cruzam e se parecem, além de poder criar laços de confiança e sensações de pertencimento entre elas. O final da oficina é gratificante, quando mulheres em júbilo se abraçam e agradecem umas as outras pelo momento compartilhado.

Durante todo o processo para a conceitualização do trabalho, tive a oportunidade de estar junto a diferentes grupos de mulheres em rodas de conversas, feiras artísticas, eventos e até mesmo um bloco de carnaval. Tal experiência permitiu que eu conhecesse mulheres incríveis com histórias de superação e força, além de ver de perto como podemos nos ajudar e nos fortalecer, através da empatia, acolhimento e sororidade.

O projeto de pesquisa acerca deste trabalho me ajudou a entender as reais necessidades das participantes das oficinas, de forma a melhorar e tornar a experiência ainda melhor para cada mulher presente. Além disso, contribuiu para a criação de um material de apoio para as integrantes, baseado em seus questionamentos e interesses durante os encontros. Dentro deste, foi incluído o zine “mulheres colagistas”, que me fez conhecer o trabalho de outras artistas que também fazem da colagem um meio de comunicação com o feminino.

No preparo do material gráfico, pude aplicar tudo o que aprendi na faculdade e no intercâmbio. Aprimorei meu conhecimento ao redor das técnicas serigrafia e risografia, além de conseguir fazer um projeto gráfico que levasse a minha estética dentro da colagem. Acredito que esta parte acompanha a riqueza conceitual que o projeto carrega.

Outras inspirações surgiram a partir dos estudos feitos para a estruturação do trabalho. Além de continuar os estudos sobre a *collage*, vejo a possibilidade do projeto Auto•Recorte não se manter apenas como oficina, mas que também se torne uma plataforma online que, pelo *Instagram*, transmita conteúdos ao redor da arte feminista e que alcance muitas outras mulheres, formando redes de contato cada vez maiores entre elas.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRIAN, Sarane. O Surrealismo. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.

AUGÉ, Marc. Não-Lugares - Introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Trad., Venda Nova: Bertrand. 1994.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

COMPAGNON, Antoine. O Trabalho da Citação. Ed. UFMG, 1996.

ERNST, Max. Escrituras. Barcelona: Ed. Polígrafa, 1982, p.200.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer: uma descrição dos modos de subsistência e das instituições políticas de um povo nílota. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FUÃO, Fernando. A órbita da collage, Texto publicado nas Escrituras Surrealistas II. Fortaleza, São Paulo: Edições Resto do Mundo, 1996. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/06/orbita-da-collage-1-fernando-freitas.html>. Acesso em: 5 de Abril de 2018.

FUÃO, Fernando. A cola e o fio, 2014. disponível <https://fernandofuao.blogspot.com/2014/12/a-cola-e-o-fio.html>. Acesso em: 28 de Março de 2018.

FUÃO, Fernando. A collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

FUÃO, Fernando. Arquitectura como collage. Tese de Doutorado – Barcelona, 1992.

FUÃO, Fernando. A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida Ensaios Filosóficos, Volume IX – Maio/2014. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo9/Fernando_Fuao.pdf. Acesso em: 25 de Fevereiro de 2018.

FUÃO, Fernando., LEMOS, José., KHOURI, Gihad., Entre Remendos e Acolhimentos: A ocupação Ksa Rosa, 2017, publicado em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/view/701>. Acesso em: 25 de Fevereiro de 2018.

GIDDENS, A. As Consequências da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

LIMA, Sergio. Collage em nova superfície. São Paulo: Editora Parma, 1984.

LÉVY, Pierre. O Que é o virtual? 1a ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

RIBEIRO, Djamila. As diversas ondas do feminismo acadêmico, 2015. Revista Carta Capital. Disponível em . Acesso em: 10 de fevereiro 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SILVA, LÍDIA J. OLIVEIRA L. "Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais", 1999.in: ALVES, José Augusto, CAMPOS, Pedro e BRITO, Pedro Quelhas (coord.), O Futuro da Internet - Estado da arte e tendências de evolução, Lisboa: Centro Atlântico, 75-77. 1999.

SOARES, LUÍS. "Contra a Corrente: Sete premissas para construir uma comunidade virtual", 1999. in: ALVES, José Augusto, CAMPOS, Pedro e BRITO, Pedro Quelhas (coord.), O Futuro da Internet - Estado da arte e tendências de evolução, Lisboa: Centro Atlântico, 75-77. 1999.

TIBURI, Marcia. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

VATTIMO, Gianni. A Sociedade Transparente, Trad., Lisboa: Edições 70, 1991.

WEBER, Max. Conceitos Básicos de Sociologia. Editora Moraes. São Paulo, 1987.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. George Braque, Tenora, 1913.	9	Figura 35. Colagem "Close", feita por integrante da Oficina Kintsugi.	33
Figura 2. Pablo Picasso, Bottle of Vieux Marc, Glass, Guitar and Newspaper, 1913.	9	Figura 36. Colagem "Escrita", feita por integrante da Oficina Kintsugi.	33
Figura 3. O Cão Andaluz (1929), Luis Buñuel.	12	Figura 37. Colagem "A Força", feita por integrante da Oficina Kintsugi.	33
Figura 4. O Cão Andaluz (1929), Luis Buñuel.	12	Figura 38. Sala do Studio Manual.	34
Figura 5. Hannah Höch. Indian Dancer, 1930.	12	Figura 39. Integrantes fazendo suas colagens.	34
Figura 6. Hannah Höch. German Girl, 1930.	13	Figura 40. "Kit-Surpresa".	34
Figura 7. Hannah Höch. Bouquet Of Eyes, 1930.	13	Figura 41. Integrantes fazendo as suas colagens.	35
Figura 8. Capa do livro de poesias de Paul Eluard, Repetitions, (1982).	13	Figura 42. Foto do final da Oficina.	36
Figura 9. Cartaz de divulgação do Movimento Feminino Pela Anistia no Brasil, 1975.	16	Figura 43. Colagem "Amor".	37
Figura 10. Jornal Brasil Mulher, 1975.	16	Figura 44. Colagem "Ela".	37
Figura 11. Poster "Cor" da série Afropunk.	29	Figura 45. Colagem "Art".	37
Figura 12. Poster "Preta" da série Afropunk.	29	Figura 46. Colagem "Flor e Ser".	37
Figura 13. Poster "GrlPwr" da série Afropunk.	29	Figura 47. Colagem "Força".	37
Figura 14. Poster "Afro" da série Afropunk.	29	Figura 37. Colagem "Resistência".	37
Figura 15. Colagem Digital, Grl Pwr, 2017.	30	Figura 48. Colagem "Estranha".	37
Figura 16. Colagem Digital, Gabriela, 2017.	30	Figura 49. Colagem "Sucesso".	37
Figura 17. Colagem Manual, Haight, 2017.	31	Figura 50. Colagem "Resistência".	37
Figura 18. Colagem Manual, Flor e Ser, 2017.	31	Figura 51. Brainstorm para a escolha do nome do projeto.	40
Figura 19. Colagem Manual, Mina Navalha, 2018.	31	Figura 52. Folder "Redes de Afeto".	41
Figura 20. Colagem Manual, Maternidade, 2017.	31	Figura 53. Logo.	42
Figura 21. Colagem Manual, Tapioca, 2017.	31	Figuras 54 e 55. Cartões de visita.	42
Figura 22. Colagem Manual, Puta, 2017.	31	Figuras 56 a 59. Sketchbook.	44
Figura 23. Colagem Manual, Angola, 2017.	31	Figura 60 a 62. Elementos gráficos.	44
Figura 24. Captura do vídeo "Como Fazer Colagens Legais".	31	Figura 63. Simulação digital.	44
Figuras 25 a 28. Capturas das mensagens recebida pelo <i>Instagram</i> .	31	Figura 64. Universo Visual do Projeto.	45
Figuras 29 e 30. Cerâmicas feitas com a técnica japonesa Kintsugi.	31	Figuras 65 e 66. Kits montados.	46
Figura 31. Oficina Kintsugi.	31	Figura 67. Poster A3 Impresso em Risografia.	47
Figura 32. Oficina Kintsugi.	31	Figura 68. Capa da Zine "Colagistas Brasileiras".	48
Figura 33. Colagem "Toda Boa", feita por integrante da Oficina Kintsugi.	32	Figuras 69 e 70. Zine "Colagistas Brasileiras".	48
Figura 34. Colagem "Florida", feita por integrante da Oficina Kintsugi.	32	Figura 71. Contracapa do Zine "Colagistas Brasileiras".	48
	33	Figuras 72 a 75. Detalhes do Zine "Colagistas Brasileiras".	49
	33	Figura 76. Poster A3 com o texto "Auto • Recorte".	50
	33	Figuras 77 a 79. Detalhes do poster A3.	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 80. <i>Folders</i> “Redes de Afeto”.	52
Figura 81 e 82. Parte interior do <i>Folder</i> “Redes de Afeto”.	52
Figuras 83 e 84. Material “Use a Sua Intuição”.	53
Figura 85. Cartões.	54
Figuras 86 e 87. Cartões postais.	54
Figura 88. Cartão postal.	55
Figura 89. Cartão postal.	55
Figura 90. Cartões de visita.	56
Figura 91. Verso do cartão de visita.	56
Figura 92. Detalhes do cartão de visita.	56

FONTES ICONOGRÁFICAS

Figura 1.

Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/38330>>

Acesso em: 20 de Agosto de 2018.

Figura 2.

Disponível em:

<<https://www.tate.org.uk/art/artworks/picasso-bottle-of-vieux-marc-glass-guitar-and-newspaper-t00414>>

Acesso em: 20 de Agosto de 2018.

Figura 3.

Disponível em:

<<https://wsimag.com/pt/espeticulos/23123-cinema-e-psicanalise>> Acesso em: 25 de Agosto de 2018.

Figura 4.

Disponível em: <<https://www.cantodosclassicos.com/wp-content/uploads/2015/03/cao-andaluz-navalha.png>>

Acesso em: 25 de Agosto de 2018.

Figura 5.

Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/37360>>

Figura 6.

Disponível em: <<https://arthistoryproject.com/artists/hannah-hoch/german-girl/>> Acesso em: 28 de Agosto de 2018.

Figura 7.

Disponível em: <<https://cpb-eu-w2.wpmucdn.com/blogs.brighton.ac.uk/dist/0/2647/files/2017/02/blog30-thynto.jpg>>

Acesso em: 28 de Agosto de 2018.

Figura 8.

Disponível em: <<https://curiator.com/art/max-ernst/illustrations-for-repetitions-by-paul-eluard>> Acesso em: 1 de Setembro de 2018.

Figura 9.

Disponível em:

<<http://movimentossociaisde1970.blogspot.com/2013/11/movimento-feminino-pela-anistia.html>>

Acesso em: 1 de Setembro de 2018.

Figura 10.

Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/304997-1>>

Acesso em: 1 de Setembro de 2018.

Figura 11 a 28.

Acervo da autora

Figuras 29 e 30.

Disponível em: <<https://www.thisiscoossal.com/2014/05/kintsugi-the-art-of-broken-pieces/>> Acesso em: 1 de Setembro de 2018.

Figura 31 a 92.

Acervo da autora.